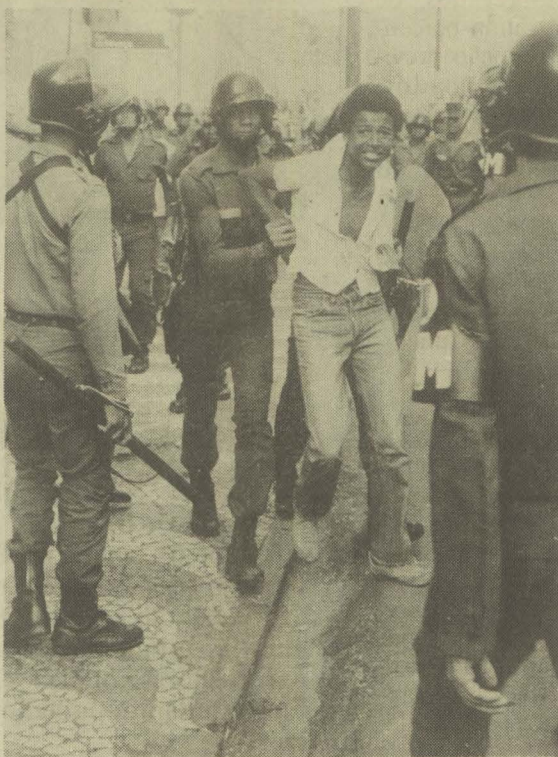


A paciência do povo acabou



ÔNIBUS CARO DÁ GUERRA NA BAHIA!

Governo festeja 7 de Setembro com leilão de Carajás e JICA!

Página 8

A Tribuna a 30 cruzeiros

Nossa *Tribuna Operária* dá nesta edição um importante passo adiante. Sua tiragem salta para 51 mil exemplares, graças ao apoio do trabalhador. Só que para ela crescer ainda mais — ir para todas as bancas, melhorar seu conteúdo e forma — o preço também cresce.

Editorial

Quem são os baderneiros na revolta de Salvador

Quem são os verdadeiros responsáveis pela “baderna” em Salvador? Serão mesmo os comunistas, como diz o governador Antônio Carlos Magalhães? Serão eles também que estimulam a luta de classes e indispõem a opinião pública contra as Forças Armadas, como afirma o ministro do Exército, general Valter Pires?

É difícil de acreditar que de uma hora para outra cidadãos pacatos, trabalhadores, por obra de “meia dúzia de agitadores”, enfrentam os tiros, os cassetes e os cães da polícia, saiam às ruas e depredam centenas de ônibus.

Seria bom lembrar que os comunistas não estão no poder. Não são os responsáveis pelas péssimas condições dos transportes urbanos em Salvador — e em todo o país. E que enquanto o governo se recusou a receber uma comissão popular para discutir o assunto, concedeu o aumento de 61% no preço das passagens para atender os interesses dos empresários.

Para se saber quem são os responsáveis pela “baderna” é preciso recordar que durante anos, a pretexto de “fazer o bolo crescer para depois dividir”, o governo militar aplicou a política de arrocho salarial. Agora que o bolo cresceu demais, o governo joga os trabalhadores no desemprego, para diminuir a produção. E reduz o salário dos que estão trabalhando.

Quem se interessa pela verdade deve notar que explosões de revolta semelhantes à de Salvador vêm ocorrendo cada vez com maior frequência por todo o país. Por exemplo entre os flagelados da seca no Nordeste; entre os posseiros do sul do Pará; em cidades como São Paulo, Rio, Brasília, Manaus e outras com depredações de trens e ônibus; e nas filas do INPS em várias cidades. Deve tomar nota também do ódio dos operários da Mercedes e de outras multinacionais, jogados na rua para salvar os lucros dos patrões.

Esta situação explosiva é fruto de uma crise profunda do capitalismo dependente no país. E o povo trabalhador tem toda

razão ao se revoltar com a situação de miséria em que foi jogado. Qualquer um sente que as perseguições, as intervenções nos sindicatos, as restrições à liberdade, os casuísmos para fraudar as eleições de 82, a repressão policial, tudo para defender os lucros dos poderosos, são galhos de lenha seca acumulados. E que uma fagulha pode provocar o incêndio.

✱ A revolta e a luta do povo não foram inventadas pelos comunistas. Os militares com sua truculência em favor dos poderosos e em defesa das multinacionais são os principais responsáveis pelo acirramento desta luta. E ao se recusarem a garantir os direitos do povo, ao insistirem em manter o monopólio do poder em suas mãos, antagonizam-se cada vez mais com a maioria da população.

Os comunistas não criaram a luta de classes, mas nesta luta, que é fruto da situação objetiva, colocam-se resolutamente ao lado da classe operária. E defendem uma política de unidade com todos que estão interessados no progresso e na liberdade, contra o arbítrio e a opressão.

✱ O Brasil não é um quartel. A revolta na Bahia é um exemplo de que os trabalhadores não estão dispostos a bater continência diante das ordens dos generais. E se eles insistem em usar a violência para sufocar as manifestações populares, a experiência em todo o mundo indica que acabarão derrotados pela violência do povo. Os poderosos deviam refletir sobre isto.

A explosão dos trabalhadores baianos é um indicador do grau de radicalização da contradição entre o regime militar e a imensa maioria dos brasileiros.

✱ A paciência do povo está se esgotando. Como o regime não apresenta soluções razoáveis para os problemas do país, os operários, os trabalhadores da cidade e do campo, em aliança com todos os democratas, buscam pela luta garantir os seus direitos. Nesta situação de crise, a tendência principal é para a união de milhões contra a fome e contra o arbítrio.



Rebelião do povo da capital baiana contra o aumento do preço da passagem. Página 3.



Este jornal sai 114 dias após a bomba no Riocentro; 361 dias após assassinar D. Lyda. Os terroristas continuam impunes.

Tiroteio na selva do Sul do Pará

Página 5



Foto: L.C. LEITE

Os delegados à Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras entoam o Hino Nacional

NA CONSLAT 5 MIL TRABALHADORES APONTAM SUA SAÍDA PARA A CRISE

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Tribuna Operária

Jornalista responsável:
 Pedro Oliveira

Conselho de Direção:
 Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rangel, Dilair Aguiar.

Redação:
 Rua Conselheiro Ramalho, 501 - Bela Vista - São Paulo, Capital. Tel. 36-7531
 CEP 01325.

Sucursais:
Aamazons: Rua Simon Bolívar, 231-A
 Pça. da Saudade - Caixa Postal 1439
 Manaus - CEP 69000. **Pará:** rua Aristides
 Lobo, 620 - Centro - Belém - CEP 66000.
Mato Grosso: rua Osvaldo Cruz, 340 - sala
 404 - São Luiz - CEP 65000. **Piauí:** rua
 David Caldas, 374 - sala 306 - Sul - Teresina -
 CEP 64000. **Ceará:** rua do Rosário,

313 - sala 206 - Fortaleza - CEP 70000.
Paraná: av. D. Pedro I, 1.012 - João
 Pessoa - CEP 58000. **Pernambuco:** av. A
 de Setembro, 42 - 7º andar - sala 707
 Boa Vista - Recife - CEP 50000. **Alagoas:**
 rua Fernandes de Barros, 43 - sala 05
 Centro - Maceio - CEP 57000. **Bahia:** rua
 Padre Vieira, 5 - sala 307 - Centro - Salvador -
 CEP 40000. **Minas Gerais:** rua da
 Bahia, 573 - sala 909 - Centro - Belo Horizonte -
 Tel. 22-47695 - CEP 30000. **Rio**
de Janeiro: Rua do Contorno Rodoviário, 345/355 -
 Contagem - CEP 32000. **Goiás:** av. Goiás, 606
 edifício Minasbank - sala 2005 - Centro
 edil. 225-6689 - Goiânia - CEP 74000.
Distrito Federal: Ed. Goiás - sala 202
 Setor Comercial Sul - Brasília - CEP
 70317. **Espírito Santo:** av. Getúlio Vargas,
 247 - sala 705 - Vitória - CEP 29000. **Rio**

de Janeiro: rua da Lapa, 200 - sala 1111
 Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021. Av.
 Amaral Peixoto, 370 - sala 807 - Centro
 Niterói - CEP 24000. **São Paulo:** rua
 Marechal Deodoro, 943 - Centro - Campinas -
 CEP 13400. Praça Ennes da Silveira
 Melo, 1378 - Piracicaba - CEP 13400.
Paraná: rua Barão do Rio Branco,
 41 - sala 809-A - Curitiba - CEP 80000.
Rio Grande do Sul: rua General Câmara,
 52 - sala 29 - Centro - Porto Alegre - CEP
 90000. **Rua Dr. Montauru,** 658 - 1º andar
 sala 15 - Caxias do Sul - CEP 95100.

A **Tribuna Operária** é uma publicação da
 Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na
 Cia. Editora Jorêus. Rua Gastão da
 Cunha, 49 - Fone: 551-8900 - São Paulo.

Explosão contra carestia nas ruas da Bahia

O aumento das passagens de ônibus, de 13 para 21 cruzeiros, foi a gota d'água que esgotou a paciência do povo de Salvador da Bahia. A partir do dia 20, milhares de populares revoltados, sobretudo jovens, explodiram numa verdadeira rebelião. Mais de 700 ônibus depredados, saques de supermercados e encarniçadas batalhas com a tropa de choque da PM sacudiram a cidade. O governo só sabe jogar a polícia contra o povo e culpar os comunistas por tudo. Mas salta aos olhos de todos que há causas mais profundas, mais amplas e mais sérias para a explosão de Salvador — que não foi a primeira e nem será a última.

Em março, na própria Salvador, explodiu o motim da Polícia Militar contra os baixos soldos. E ainda esta segunda-feira, em Manaus, uma greve dos motoristas de ônibus gerou grandes protestos de massas e a depredação de 16 coletivos.

Além disso, a juventude e o povo de Salvador mostraram nestes dias que seu problema não é só transporte. Invadiram supermercados, para tomar o que comer. Atacaram um posto do INPS, que está ameaçado por uma crise aguda e pelo “pacotão” do governo. Investiram também contra uma agência do Banco do Estado da Bahia, cujo presidente, não por acaso, é o candidato preferido do PDS ao governo do estado em 1982. E enfrentaram a polícia,

com rara bravura, chegando a ferir vários agentes da repressão. Numa palavra, a revolta popular voltou-se contra todo um rosário de problemas angustiantes que o governo atual não pode, não sabe e não quer resolver.

A VIDA ENSINA

A revolta teve caráter espontâneo, mas nem por isso foi menos instrutiva. Um popular comentou: “Isto não deve terminar aqui, deve continuar nos bairros da gente, porque lá a polícia não entra e nós estamos em casa”.

A luta estimulou também a unidade do povo. E puxou com sua experiência concreta a frente democrática mais ampla, que mobilizou-se para a solidariedade diante da truculenta reação do governo.



No Colégio Central estudantes fazem greve de protesto

A revolta passo a passo

Julho-agosto de 1981. Manifestações populares em nove bairros de Salvador pela manutenção das tarifas de ônibus. O prefeito, Mário Kertész, recusa-se a receber um abaixo-assinado do Movimento Contra a Carestia.

16 de agosto. O prefeito concede o aumento, de 61%.

Quarta-feira, dia 19. Manifestação de protesto de 600 pessoas na Ribeira. Quatro ônibus são depredados.

“Polícia invadiu colégio dando tiros para todo lado”

Quinta-feira, 15 horas. Passeata do Campo Grande à Prefeitura, com 2 mil pessoas, debaixo de chuva.

17:50. O prefeito teima em recusar o diálogo. Manda fechar as portas da Prefeitura, apagar as luzes da praça, baixar a Bandeira Nacional. Os populares entoam o Hino Nacional e a coordenação encerra o protesto, aconselhando a dispersão em pequenos grupos.

18:15. Primeiro quebra-quebra, de quatro ônibus, na Praça Municipal. Em seguida, quebra de 25 ônibus na Praça da Sé e primeiro embate com a tropa de choque.

18:30. Toda a área da ladeira da Praça até a Barroquinha está conflagrada. Mais de 70 ônibus atacados. Quebra-quebra gigante e segundo choque com a tropa.

Invasão do Colégio Central da Bahia, chefiada pelo tenente Peixinho, conhecido carniceiro. O estudante Sinalv, ferido, denuncia: “Os policiais invadiram o colégio dando tiros pra todo lado e batendo em quem viam pela frente”. Saldo final: 30 presos, 50 feridos, inclusive Edson dos Santos, 22 anos, baleado.

18:40. A luta continua no Campo da Pólvora e estende-se aos bairros de Nazaré, Liberdade, Pernambués, Ladeira do Canula, Pero Vaz, Tororó, Vasco da Gama, além dos terminais de ônibus de Campo Grande, França e Calçada. “Está parecendo uma guerra civil”, comenta uma senhora.

Sexta-feira, 6 horas. A batalha recomeça, no Retiro. Destruídos 12 ônibus. Conflagração na Cidade Baixa. O

povo invade a empresa de transportes da Prefeitura.

14 horas. Quase todas as escolas secundaristas estão em greve. A Universidade Federal da Bahia também. Grande passeata dos alunos do Colégio Severino Vieira até o Colégio Central.

16:30. O ex-preso político Haroldo Lima é seqüestrado em sua residência por cinco policiais à paisana que não se identificam. Fica 24 horas incomunicável. O mesmo ocorre com Jairo Santos, do setor jovem do PMDB.

Quebra-quebra e choques na Piedade, Relógio de São Pedro e Joana Angélica. A população ataca um prédio do INPS, uma agência do Bradesco e outra do BANE. Saques dos Supermercados Unimar e Paes Mendonça.

19 horas. O governador Antônio Carlos Magalhães aparece na TV para culpar os “maus comunistas” e dizer que tudo não passa de “obra de meia dúzia de agitadores”.

20:30. A polícia dissolve uma reunião de setores democráticos, na sede do PMDB baiano.

Governo ameaça: só fará eleições se revoltas cessarem

Sábado, 8 horas. Novo quebra-quebra na Liberdade. Populares atacam uma sede da Cesta do Povo, na Ribeira. Depredados 90 ônibus na Suburbana, Luis Tarquínio, Bonfim, Bonoco, San Martin, Retiro e Federação.

Domingo. Salvador amanhece praticamente sem ônibus e intensamente policiada. Várias prisões ocorrem, inclusive a de José Gomes da Silva, 13 anos, surpreendido com uma pedra na mão. Mais 13 ônibus quebrados.

Segunda-feira, 5 horas. A cidade é ocupada pela polícia. Antônio Carlos proíbe qualquer manifestação, mas seis ônibus são quebrados.

Em Brasília, o porta-voz de Figueiredo, Carlos Átila, faz chantagem. “Acontecimentos como este — diz — têm que ser evitados para que as eleições se realizem”.

Os estudantes do Colégio Central entram em greve, conseguindo paralisação total e adesão de várias escolas.



Na Praça Municipal, no primeiro dia da revolta, populares quebraram mais de cem ônibus.

Andar de ônibus virou luxo

O verdadeiro clima de insurreição instaurado na Bahia desde o dia 20 de agosto teve como causa primeira um problema que vem afetando cada vez mais o bolso do trabalhador: o aumento das tarifas de transportes. Com efeito, o aumento de 61% nas passagens de ônibus urbanos significou uma elevação de 7,3% nos gastos de um trabalhador de salário mínimo. Ou seja, ele passou a gastar mais 480 cruzeiros para fazer o mesmo percurso casa-trabalho.

O problema atinge os trabalhadores de todas as cidades brasileiras. Em Brasília, por exemplo, o aumento das tarifas de transporte foi da ordem de 100%. A menor tarifa hoje na cidade é de 21 cruzeiros e a

maior de 37 cruzeiros! No ano passado, quem utilizava dois ônibus por dia gastava 18,1% do salário mínimo com transportes. Quem usava quatro ônibus gastava 29,3%. Neste ano a percentagem subiu ainda mais. E isso quando, de acordo com o Diário Oficial da União, a percentagem de gastos com transporte deveria ser de apenas 6%.

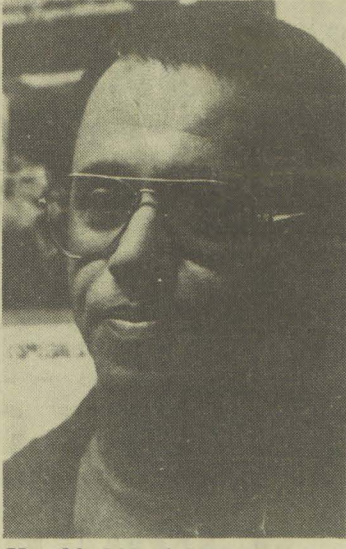
Por isso mesmo o número de pessoas que utiliza os ônibus urbanos está caindo sensivelmente. Só no Rio de Janeiro, as linhas intermunicipais deixaram de transportar 20 milhões de passageiros-ano de 1979 para 1980, quando se previa um crescimento de 4,1%.

Mais de cem presos em Salvador

O governador biônico Antônio Carlos Magalhães mostrou que tem uma imaginação bem pobre quando descarregou sobre os comunistas a culpa pela batalha dos ônibus. Usou essa desculpa esfarrapada para prender mais de cem pessoas, entre elas o ex-preso político e prestigioso militante opositorista Haroldo Lima.

Não satisfeito, Antônio Carlos proclamou que “Haroldo Lima vai ficar preso até que prove que não é baderneiro”. Admitiu assim que, no Brasil de hoje, um homem do povo é considerado culpado até prova em contrário.

Porém a solidariedade às vítimas de Antônio Carlos e seus capangas não se fez esperar. Já no sábado, a plenária da Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras, a Conclat, aprovava por aclamação uma moção de apoio à luta da população baiana e pela libertação imediata de Haroldo e todos os presos. A organização Anistia Internacional, com sede em Londres, também se manifestou, assim como o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, o Sindicato dos Engenheiros da Bahia e dezenas de outras entidades. Quem está com o povo nunca está só.



Haroldo Lima foi preso em casa

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

O Brasil pode e deve ser independente!

Podem existir nações independentes no mundo atual? Para os escribas do capital imperialista, não podem. Eles inventaram a chamada **teoria da interdependência**. Dizem que, com a internacionalização da economia e da cultura em nossos dias, a independência nacional estaria em extinção. Teria sido vencida pela dependência mútua entre as nações desenvolvidas e as subdesenvolvidas, as importadoras e as exportadoras de capitais.

A União Soviética depois de invadir a Checoslováquia, também apareceu com uma tese parecida — a da **soberania relativa**.

Tanto uma tese como a outra tentam sacramentar a ação das empresas multinacionais, o envidamento externo dos países, a interferência das grandes potências nos assuntos alheios, as invasões militares e, numa palavra, a submissão de todo o planeta às metrópoles imperialistas, tendo à frente as superpotências.

DUAS TENDÊNCIAS OPOSTAS

É verdade que o capitalismo de hoje (inclusive o capitalismo soviético restaurado nos últimos 25 anos) funciona como uma máquina internacional. Viola fronteiras, submete governos, impõe a todos o império mundial do lucro máximo. As empresas multinacionais são a expressão acabada desta desnacionalização.

Mas ao lado desta tendência funciona outra, em sentido contrário. É o movimento antiimperialista dos povos oprimidos, que se expressa desde a resistência cultural patriótica, passando pelas lutas para restringir ou expulsar o capital estrangeiro, até as guerras de libertação nacional em vários países.

Se a tendência desnacionalizante é liderada pelos monopólios capitalistas, a tendência antiimperialista tem na classe operária sua maior defensora. Os operários formam uma classe em luta de morte contra o capitalismo.

Por isto não poderiam deixar de apoiar a luta dos povos oprimidos contra a opressão das potências capitalistas.

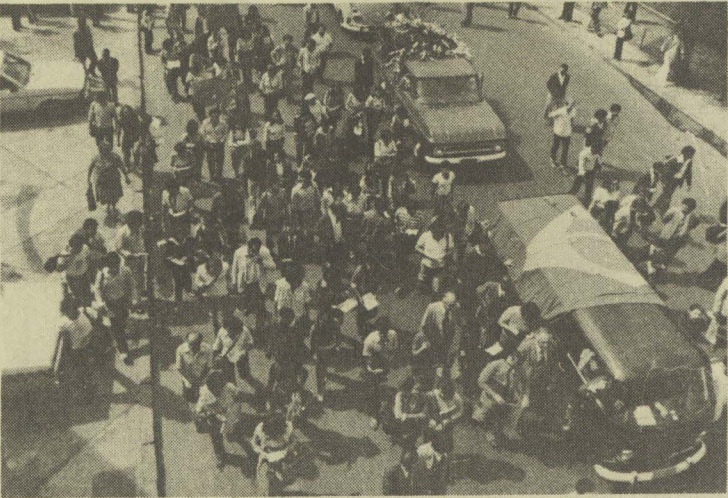
LUTAS QUE SE ENTRELAÇAM

No Brasil há um entrelaçamento particularmente forte entre o movimento operário e o movimento antiimperialista. Já sofremos um desenvolvimento capitalista considerável, que criou uma classe operária numerosa e concentrada. Por outro lado, o capitalismo que desenvolveu-se aqui é de tipo dependente; tornou o país vassalo dos grandes banqueiros e industriais estrangeiros. A emancipação da nação brasileira impõe-se como tarefa imediata, na luta para livrar os operários do jugo capitalista.

Uma tarefa desta ordem tem caráter não apenas operário, mas popular, e mesmo patriótico. Porém os grandes banqueiros, industriais e latifundiários, sobretudo depois de 1964, aderiram de corpo e alma à **teoria da interdependência**. Interessados na associação com o capital de fora, não conseguem nem conceber um Brasil sem dívida externa, sem atrelamento às multinacionais, sem terras e jazidas minerais entregues de mão beijada aos imperialistas.

TAREFA DE UM REGIME POPULAR

A questão terá que ser enfrentada pelos operários e seus aliados mais íntimos, pelo povo, que forma a grande maioria da nação. Eles não têm qualquer compromisso com os interesses imperialistas. Quando conquistarem o seu poder político — democrático-popular — adotarão medidas que levarão à verdadeira independência: não pagamento da dívida externa; nacionalização dos bens das multinacionais no país; rompimento do Acordo Nuclear, dos contratos de risco, do Tratado do Rio de Janeiro e outros compromissos econômicos, políticos e militares lesivos à soberania nacional, etc.



Enterro de D. Lyda há um ano, com presença de 30 mil pessoas

Ainda sem punição o assassinato de D. Lyda

O terrorismo matou e tem a proteção do regime

No dia 27 de agosto do ano passado, os terroristas soltaram três bombas no Rio de Janeiro. Na Ordem dos Advogados, D. Lyda Monteiro teve morte instantânea. Na Câmara de Vereadores, José Ribamar de Freitas ficou cego e perdeu um braço. A sucursal da **Tribuna Operária** foi seriamente danificada.

A escalada do terror não terminou com o assassinato de D. Lyda. O governo não levantou uma palha para punir os terroristas. A **Tribuna Operária** não se curvou, denunciou a presença de militares de alta patente no terror. Democratas corajosos denunciaram os DOI-CODI. Mas os terroristas se preparavam para atos mais tenebrosos.

O GOVERNO ABAFA

Na comemoração do 1º de

maio, realizada no Riocentro, o Sargento Guilherme Rosário explodiu junto com uma bomba. Seu comparsa, o Capitão Wilson, quase morreu também. Os dois eram militares do DOI-CODI e estavam em “missão oficial”. O governo tudo fez para abafar as investigações. Mas está difícil de tapar o sol com a peneira. A questão do terrorismo está dividindo a Justiça Militar. Desde segunda-feira passada o juiz corregedor Célio Lobão quer abrir um processo contra o Capitão Wilson. Mas a justiça só será conseguida com a mobilização das forças populares e democráticas. O governo Figueiredo já provou que não é capaz de punir os responsáveis pela morte de D. Lyda. Suas mãos também estão sujas de sangue.

Governo afirma que só prossegue “abertura” se vencer as eleições

“A vitória do PDS em 1982 é um pressuposto básico para o processo de abertura”, advertiu, no dia 15, o ministro da Justiça Abi-Ackel. Posteriormente, com a revolta popular na Bahia, o porta-voz do Palácio do Planalto, Carlos Átila, ameaçava: “episódios como esse têm que ser evitados para que as eleições se realizem normalmente”. Ambas as ameaças trouxeram novamente à tona a discussão: **haverá ou não eleições em 1982?**

Afinal a derrota eleitoral do PDS já é anunciada até por seus membros, entre eles o próprio José Sarney. Por outro lado, as manifestações populares não vão acabar. Ao contrário. As medidas do governo, como o “Pacotão da Previdência”, os novos aumentos de preços dos gêneros de primeira necessidade e o desemprego em alta escala, empurram os trabalhadores para a luta.

A PREOCUPAÇÃO É 1984

Há quem diga que as últimas entrevistas de Ackel e Átila sejam teleguiadas por setores governistas que não querem as eleições de 82, ou ao menos querem o adiamento das eleições legislativas. Desta forma impediram que a Oposição ganhasse a maioria no Congresso Nacional. A

preocupação maior é com a sucessão presidencial em 1984.

No fundo todas estas manifestações oficiais só indicam uma coisa: os militares não querem abrir mão, de forma alguma, do monopólio do poder. Sua “abertura” só existe se for para continuar no poder. E para isso têm a força das armas. O reacionário general Valter Pires foi bastante claro ao dizer que “é errônea a idéia de que as Forças Armadas devem restringir-se às ações intrinsecamente militares. Essa conclusão não é adequada, considerando-se que a segurança nacional deve abranger ações, principalmente preventivas, em todos os campos do poder nacional”.

E não é de estranhar que nada menos que 36 generais vieram a público afirmar, sem que ninguém tenha perguntado, que as “eleições são fato irreversível” e “quem for eleito tomará posse”. Quando os generais vêm com afirmações deste tipo há qualquer coisa de errado.

Mas as autoridades não estão tranqüilas quanto às medidas a tomar. Qualquer passo em falso na área econômica e política pode levantar o povo. É como afirmou o senador do PMDB Henrique Santillo ao referir-se às idéias de adiamento do pleito: “Eles podem levar o país a uma guerra civil, caso persistam em suas intenções”.

Cinco mil delegados na histórica Conferência dos Trabalhadores

A primeira Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras (Conclat), realizada nos dias 21, 22 e 23 de agosto, no litoral paulista, já entrou na história do movimento sindical do país. Participaram 5.247 delegados sindicais, representando 1.126 entidades classificadas, com o predomínio dos representantes operários e camponeses.

O número de sindicalistas presentes superou as estimativas, já que a preparação da Conferência foi ainda débil, com poucas assembleias por categoria para eleger representantes. Mas foi exatamente esta presença massiva dos trabalhadores que deu a tônica da Conclat, pois transportou para os debates a tendência geral do povo, que é de luta decidida contra a exploração capitalista, contra o regime opressor e pela defesa da unidade.

O resultado disto é que as posições conciliatórias, de traição à classe operária, foram derrotadas. O plenário nunca se submeteu às propostas e conchavos dos "cartolas" do movimento sindical de hoje. Até figuras como Lula, Joaquinão e Arnaldo, levaram vaias quando tentaram dobrar a plenária soberana. Os trabalhadores mostraram sua disposição em dar respostas à situação de miséria em que vivem. E tiveram tanta firmeza que aguentaram mais de 33 horas de discussões, num local sem qualquer acomodação e pas-



Os 5 mil delegados à Conclat representam um recorde de comparecimento

sando inúmeras privações, como a falta de alojamento e comida.

COR OPERÁRIA

A cor e o espírito operários expressaram-se várias vezes. Um dos momentos foi quando Elísio da Rocha, metalúrgico de São Paulo, rebateu uma proposta de regulamentação do

trabalho do menor. "Eu tive que trabalhar aos cinco anos de idade lá no campo, porque meus pais precisavam. Mas eu acho que a gente tem que exigir tudo o que é nosso direito. O menor não deve trabalhar, ele tem que estudar e brincar. Eu não quero que meus três filhos dêem seu sangue, e ainda com salário menor, aos capitalistas. Eu

dou meu sangue na luta da classe operária para impedir esta exploração".

Nada dividiu os trabalhadores, nem mesmo os conchavos cupulistas, o que demonstra o vigor na defesa da unidade de classe. Nos momentos de maior impasse, como quando se compunha a chapa final, os trabalhadores encontraram as formas de se manterem coesos, improvisaram, usaram criatividade. Houve até músicas populares e um cantor popular se revelou: o presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) e filho de camponês, Aldo Rebelo, que cantou uma "vaquejada" nordestina.

LEVAR À PRÁTICA

Mesmo a Comissão pró-CUT formada representou um passo adiante. Os dois grandes blocos existentes no movimento sindical, de um lado o PT e de outro os pelegos e reformistas, viram que não possuem hegemonia no movimento sindical e não podem levar com exclusividade a Central Sindical. No final saiu chapa única. Uma chapa que não reflete as posições combativas aprovadas nos três dias. Reflete, sim, o atual estágio do sindicalismo.

O movimento sindical brasileiro saiu da Conclat com uma articulação sindical nacional unitária. E o melhor, com uma plataforma de lutas — as resoluções — bastante avançada. A tarefa agora é não deixar nada no papel, por em prática, em funcionamento.



A greve dos médicos paulistas atrapalha os planos de Maluf

No dia 19 de agosto, 20 mil médicos de todo o Estado de São Paulo fizeram uma paralisação de 24 horas, em solidariedade aos médicos e residentes do Hospital do Servidor Público. O movimento do HSP já tem um mês. No dia 27, com o apoio de 18 entidades estaduais, os médicos de todo o Brasil farão uma manifestação.

Todo esse movimento tem como objetivo a exoneração do Coronel Freitas, colocado pelo governador Maluf na superintendência do Hospital. Quanto mais passa o tempo, mais sujeiras vão sendo descobertas sobre a vida deste fascista. No Piauí, sua terra natal, o coronel responde a vários processos. Tentou matar sua mulher, agrediu um vereador com um cano de revólver e foi pego andando pelado na rua.

Esse louco é um velho amigo do governador. Quando Maluf era prefeito de S. Paulo, colocou o coronel Freitas para dirigir o Hospital Menino Jesus. Dois meses após sua saída, o hospital foi à falência.

Mas por que Maluf coloca um homem desse num cargo tão importante? O objetivo do governo é claramente desmoralizar o hospital público, abrindo caminho para a comercialização da medicina. O Dr. Jamil Murad, um dos demitidos pelo coronel, denuncia: "Várias empresas estatais, como Sabesp e a VASP não estão utilizando o HSP e partem para convênios com firmas particulares".

O movimento dos médicos do Servidor vem despertando solidariedade em vários setores, contribuindo para desgastar cada vez mais o governo bônico de Paulo Salim Maluf.



A passeata sai do Estaleiro Mauá rumo ao centro da cidade.

Passeata operária em Niterói contra o "Pacotão do INPS"

Os metalúrgicos de Niterói realizaram dia 13 último uma passeata que reuniu mais de duas mil pessoas, contra o "pacotão do INPS" — o aumento de 25% nas contribuições para a previdência social e o fim da aposentadoria por tempo de serviço.

A passeata partiu de dentro do Estaleiro Mauá e percorreu as principais ruas da cidade, até a Praça das Barcas (Araribóia), que ficou completamente tomada. As palavras de ordem mais gritadas pelos operários foram: "Não fique aí parado, você é explorado!"

"Abaixo o patrão, Delfim é um ladrão!"; "Um, dois, três, Figueiredo no xadrez!", e "Abaixo os generais, ninguém aguenta mais!". Um manifesto, assinado por diversas entidades sindicais, foi divulgado na ocasião.

O único senão foi que no meio do percurso um grupo de pessoas aderiu à passeata, com faixas, cartazes, alegorias e palavras de ordem próprias, de propaganda do PT, o que causou certo mal-estar nos organizadores e participantes da manifestação.

(da sucursal de Niterói)

Posseiro de Cachoeirinha não quer transferência da miséria

A situação dos trabalhadores de Cachoeirinha, Minas Gerais, ainda não está resolvida. Segundo documento dos sindicalistas de Varzelândia e Janaúba, as terras oferecidas pelo governador na tentativa de apaziguar conflitos na área "não servem para plantar nem mantimentos e a miséria em que os posseiros vivem hoje seria apenas transferida de local". Em vista disso, os trabalhadores decidiram não aceitar a transferência.

para aquelas terras e reafirmaram sua posição de lutar por suas posses. A injustiça se estende também ao município de Manga. Cinco famílias de posseiros requisitaram 15 alqueires. A Rurálmias não só negou como prendeu as 5 famílias em dois alqueires fechados por uma cerca de arame. Os posseiros derrubaram a cerca e dois deles foram presos.

(da Sucursal)

327 mil candidatos disputam 2.500 vagas no Banco do Brasil!

A inscrição de candidatos à seleção externa para o nível básico 015 do Banco do Brasil, aberta em 209 agências de Alagoas, Bahia, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí,

Rio Grande do Norte e Sergipe registrou um total de 327 mil candidatos. No entanto, o total de vagas oferecidas é tão somente da ordem de 2.500!

(da sucursal)

Indústria de Alagoas demitiu seis operários em cada sete!

Com a demissão pela fábrica Carmem de 63 operários, Fernão Velho (Alagoas) começa a sentir gravemente a crise econômica que abala o Brasil. Anteriormente a empresa possuía 4 mil operários; hoje passou a menos de 600 e a tendência é demitir muito mais, podendo fechar suas portas. Diante disso, cabe ao

sindicato tomar atitude firme para defender os direitos de seus associados. É preciso organizar os operários, inclusive os demitidos, realizando assembleias para discutir as demissões, propondo a união contra o desemprego e inclusive recorrendo à greve caso as demissões prossigam.

(da sucursal)

28 de agosto, dia do bancário, tem protesto em plano nacional

No último dia 11 de agosto os bancários de Brasília se reuniram em assembleia geral para discutir as reivindicações da categoria. A pauta aprovada deu destaque à estabilidade no emprego durante a vigência do acordo, piso salarial de 18 mil para pessoal de porta-

ria, de 21 mil para o de escritório e de 23 mil cruzeiros para o de tesouraria. Os bancários exigem ainda a criação de um Conselho Nacional de Defesa do Dia Nacional de Protesto da categoria em 28 de agosto. Dia do Bancário.

(da sucursal)

Espírito de grupo não pôde evitar pró-CUT de unidade

A escolha da comissão pró-CUT foi tumultuada, mas afinal venceu a unidade e não a divisão. O grupo dos reformistas e pelegos, e o grupo que se aglutina no PT, tentaram impor as suas chapas formadas em conchavos de cúpulas. Lula chegou a ser vaiado quando queria forçar uma chapa que não tinha nenhum representante de base. O plenário repudiou estas manobras. Exigiu a prévia discussão de critérios para as chapas. E quis que, ao lado dos dirigentes sindicais, houvesse lugar para os delegados de base, favorecendo o movimento de renovação sindical e abrindo espaço para as novas lideranças.

Os dois grupos ainda tentaram passar novamente por cima do sentimento de unidade dos trabalhado-

res apresentando chapas estreitas, que não levavam em conta a realidade do movimento sindical e a diversidade de opiniões em seu interior. Mas na votação, houve empate e ficou impossível impor uma chapa com o monopólio de um grupo apenas. As duas chapas foram forçadas a se entenderem para sair uma chapa única.

Apesar da comissão pró-CUT ainda se ver marcada pela disputa dos blocos na sua composição, ficou contemplada a representação por estado, a presença significativa de trabalhadores rurais, e embora com precariedade, a representação das diversas correntes sindicais existentes.

A unidade foi garantida pela manifestação das bases.

Pompe mostra debilidades da Executiva da Conferência

O sindicalista alagoano Luis Carlos Pompe acompanhou a Conclat como membro da sua Comissão Executiva Nacional. Ele conta: "A Comissão previa a participação de uns 3 mil delegados. Botou as mãos na cabeça quando viu chegarem mais de 5 mil. Teve que improvisar tudo: alojamento, alimentação, local para plenárias e comissões".

"Tentou manter sob controle a massa de delegados, mas foi superada pelos acontecimentos. Desprezando o que acontecia nas comissões, quis formular um plano de lutas e acertar na cúpula a Comissão pró-CUT. Sem conseguir unidade, acabou interrompendo os trabalhos por várias horas. Por imposição da plenária, teve que se reunir e elaborar uma chapa unitária, e não pôde elaborar nenhum plano de lutas. Foi de tal forma superada pela

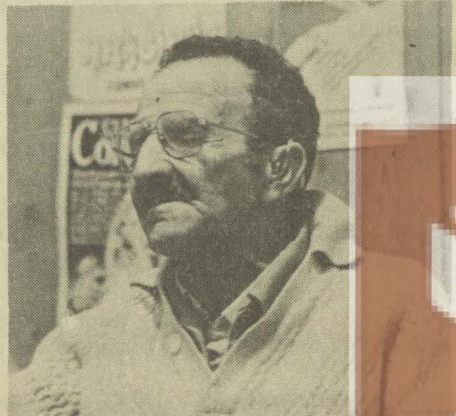


Pompe: a comissão foi superada

massa de delegados que na sessão final seus integrantes não tiveram condições de se apresentar ao plenário. O movimento sindical já não tolera a tutela de caciques".

Velho camponês do Araguaia defende o confisco da terra

O velho Doza, como é conhecido o camponês José Basílio da Siqueira, veio como representante da região do Araguaia. Não pode vir como delegado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição do Araguaia, que está na mão de um homem do governo. Ele fala um pouco sobre a Conclat:



Doza: pela reforma agrária radical

"Na Conclat os trabalhadores arrebataram as amarras do governo, discutiram seus problemas e os caminhos para resolver as aflições. Agora, não dava já para tirar a CUT que todos nós queremos, porque faltou maior contato com os povoados. Lá no Pará a preparação foi ruim, veio pequena delegação".

"Quanto aos problemas da terra, eu só achei ruim que no início não se tinha decidido que a gente do campo quer a reforma agrária com o confisco da terra. Não queremos pagar indenização para o latifundiário, já que ele adquiriu a terra a preço de banana ou na base dos jagunços. Depois da gente falar, isto foi aprovado. Houve resistência de alguns. Tem gente que vive acendendo uma vela para o diabo e outra para Deus, não se define. Ficam só conciliando, parece que querem uma garupa com os opressores. Nós queremos e apear de vez os opressores, queremos tudo o que é direito".



Votação na plenária: apoio às posições mais avançadas

Unidade de combate deu o tom nas resoluções

As combativas resoluções aprovadas na Conclat exigiram três dias de debate intenso e às vezes acalorado, principalmente em pontos como a unidade sindical, a greve geral e a Constituinte. Mas em todas as comissões e na plenária final vingaram as posições de oposição firme ao regime e de unidade dos trabalhadores.

Na comissão que discutiu sindicalismo o interesse foi tanto que mais de mil delegados participaram. A presença marcante de operários e assalariados rurais consagrou a defesa da unidade sindical. E enterrou bem fundo, entre vaias e apupos, a tese do plurisindicalismo e da divisão dos trabalhadores. A resolução final da Conclat critica sem rodeios a idéia da divisão, o que gerou descontentamento em alguns sindicalistas ligados ao PT.

Quanto à Central Única dos Trabalhadores (CUT), houve consenso de que seria cedo fundá-la nesta primeira Conclat, ainda pouco representativa e enraizada nas empresas. Aprovou-se a realização de um Congresso dos Trabalhadores, em agosto de 1982, e elegeu-se uma Comissão pró-CUT. A composição da comissão é que gerou muito debate, cerca de oito horas de discussão (ver matéria ao lado).

TENDÊNCIA À RADICALIZAÇÃO

A Conclat refletiu os anseios dos trabalhadores e do povo em geral. Mostrou também a tendência geral no país, para a radicalização dos choques entre explorados e exploradores, entre partidários da democracia e o regime militar. As propostas de conciliação não tiveram vez. Os reformistas de todos os tipos nem tiveram coragem de defender claramente um pacto social onde os trabalhadores carregariam nas costas a crise dos patrões e do governo.

Na comissão de direito ao trabalho, por exemplo, um conciliador propôs uma resolução aceitando as demissões, "desde que com critérios". Na hora da votação, perdeu fragorosamente. A plenária decidiu que os trabalhadores exigem a garantia de emprego para todos, não aceitam as dispensas e vão

desenvolver todas as formas de luta para acabar com elas.

Os trabalhadores rurais deram um avanço na sua compreensão da reforma agrária. Votaram pela liquidação do monopólio da propriedade da terra, pela reforma agrária radical sem indenização aos latifundiários.

PELO FIM DO REGIME

"O culpado pela situação que atravessa o país é o regime militar; o fim do regime militar é condição essencial para atingirmos a verdadeira democracia". Esta foi a conclusão da comissão de problemas nacionais. Os delegados discutiram acaloradamente as questões políticas do país e não se iludiram com as propostas de acomodamento com o governo de Figueiredo.

Esta mesma comissão aprovou que os trabalhadores devem lutar pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, para mudar as regras do jogo no Brasil. E que os sindicatos devem participar desta campanha. Mas a Conclat também decidiu que tipo de Constituinte interessa ao povo. O delegado metalúrgico e deputado federal Aurélio Peres, foi muito aplaudido, quando disse: "Enquanto mandarem os generais, nós não teremos uma Constituinte livre, porque não haverá liberdade efetiva debaixo do regime militar. Para garantir que as leis tiradas na Constituinte sejam colocadas em prática, só um governo vindo dos que lutarem por ela."

A PROPOSTA DA GREVE

Toda a combatividade dos debates indicava que a Conclat deliberaria também por uma forma avançada de luta — uma greve geral e nacional de um dia. A proposta foi bastante discutida, ganhou o apoio de muitos sindicalistas e contagiou os delegados de base. Havia simpatia por ela mesmo entre os dirigentes da Contag, explicavam que nas áreas rurais é difícil paralisar o trabalho.

Mas o prolongamento da discussão sobre a Comissão pró-CUT esfriou o debate sobre o programa de lutas. Marcou-se então um dia nacional de protesto, para 30 de setembro, abrindo caminho para uma posterior deflagração da greve.

Tocaia em S. Geraldo mata jagunço e põe a polícia para correr até Belém

Dia 13 de agosto ocorreu mais uma batalha pela terra nas matas do Araguaia, na Fazenda Cajueiro, São Geraldo. Um grupo de posseiros tocaiou uma patrulha da Polícia Federal e uma equipe do GETAT, que pretendiam expulsá-los. Três policiais e dois funcionários do GETAT

saíram feridos. Um jagunço da fazenda morreu crivado de balas.

Os agentes federais nem tiveram tempo de manejar suas armas. Surpreendidos na emboscada, abandonaram tudo dentro de um jipe e correram para São Geraldo. Só pararam de fugir ao chegarem em Belém.

É a primeira vez que posseiros atiram em agentes da Polícia Federal e do GETAT, desde que estes órgãos se implantaram na área. Demonstra-se, assim, a falência da política do governo diante do grave problema da terra.

PDS E CURIÓ EM CENA

A área do conflito fica na famosa OP-2, a estrada construída pelo Exército no tempo da Guerrilha do Araguaia. E é disputada há tempos entre os posseiros e vários fazendeiros, entre os quais o deputado Juracy Teixeira, do PDS de Goiás. Os camponeses chegaram a pedir ajuda ao Tenente-Coronel Sebastião de Moura, do Conselho de Segurança Nacional, o famigerado Major Curió. Ludibriando os lavradores, Curió disse que deixassem passar o pique do deputado-grileiro.



O deputado-grileiro Juracy

Os agricultores continuaram nas suas posses, mas o deputado-grileiro já se achava dono da terra. Dia 10 de agosto ele enviou para lá o grupo de agentes da PF e do GETAT, fortemente armado. O que se sabe é que na quinta-feira, dia 13, quando tentavam remover uma árvore caída na estrada, começou o tiroteio. Luis Antônio Santos Nunes, jagunço do deputado, caiu morto. Ficaram feridos o delegado José Allan Kardek, os agentes Osias Mendonça e Aquiles Pinto, e dois funcionários do GETAT, ainda não identificados.

O IMPASSE DO GETAT

O fato teve grande repercussão, pois toda essa região está subordinada ao GETAT — Grupo Executivo de Terras Araguaia-Tocantins — vinculado ao Conselho de Segurança Nacional. Ocorre que o GETAT vive um impasse permanente. Tenta fazer concessões aos camponeses, para apagar o fogo dos conflitos. Mas também tenta resguardar os interesses dos grandes latifundiários. Com isso, só faz despertar a disposição dos posseiros de lutar por um pedaço de chão que lhes garanta a sobrevivência.

TRABALHO SUJO

A Polícia Federal, que substituiu, em grande parte, a Polícia Militar no jogo sujo do

latifúndio, está usando uma política de violência. Tortura lavradores. Tenta extorquir deles falsas confissões. Invade residências. Confisca armas de caça, instrumentos vitais para quem vive na mata. Logo depois da tocaia do dia 13, dezenas de agentes da PF se deslocaram para a área, sob o comando de dois delegados, para prender e reprimir os lavradores. Informa-se que prisões em massa foram efetuadas em toda a região, embora os lavradores que participaram da tocaia não tenham sido localizados.

TIRO PELA CULATRA

Depois disso, o deputado Juracy Teixeira pôs-se em campo. "Criticou" o general Venturini e o ministro Abi Acel, dizendo que foram "negligentes" no combate aos moradores locais. Intensificou sua campanha contra os democratas da região, em especial o padre Aristides Gâmio, pároco de São Geraldo. No último dia 22, a Empresa Brasileira de Notícias, ligada ao SNI, publicou nos jornais da grande imprensa um longo artigo buscando mostrar um suposto processo subversivo no campo. Mas no Araguaia isto não cola. A área está há dez anos sob intervenção do SNI. E mesmo assim corre a versão de que antigos guias que o Exército usou contra a guerrilha estiveram na emboscada do dia 13. (da sucursal)

Posseiros se preparam para fazer justiça em Tangará

Desde a semana passada, 160 posseiros se encontram na porta da Assembléia Legislativa do Mato Grosso. Foram despejados da gleba Santa Maria, no município de Tangará da Serra. Estão em Cuiabá exigindo providências das autoridades. Um deles, Raimundo Siqueira, falou à Tribuna.

"As terras estavam abandonadas há vinte anos. Fomos entrando, e fazendo as roçadas e picadas. Quando tudo estava organizado o Sr. André Martinez, de Londrina, Paraná, mandou a polícia desar-

mar os posseiros. Ai nós reunimos 200 homens em frente ao Sindicato. Nisso soubemos que a política tinha ido na gleba e prendido 30 companheiros. Fomos para a delegacia, com 600 companheiros. Chegando lá tinha uma base de 50 urubu prêto e mais uns 9 jagunços, todos de metralhadora, e fizeram a gente sentar 3 horas, na areia quente. O Oficial de justiça, chamado de "Enrôscio", disse que havia um direito de posse de 8.500 hectares em nome da família Martinez. Disse que a gente tinha um prazo de 24 horas para sair das terras. No outro dia o Enrôscio apareceu nas terras com

mais de 50 policiais e jagunços, armados até os dentes, e foram queimando tudo. Quem não queria sair apanhava, com vara, murro, coice de carabina, e fuzil. O Mauro, esse aqui, apanhou muito. Cortaram o cabelo dele com faca, jogaram o arroz no rio Seputuba".

"Nós viemos cá em Cuiabá para procurar justiça, procurar nossos direitos. Se a solução não vier logo, a gente vai ter que voltar. Nós já estamos combinando uma união. Já que a justiça o governo não dá, quem sabe nós mesmos fazemos a justiça que é preciso. (da sucursal)

1.500 lavradores lutam contra a seca nas ruas de Iguatu

No dia 5 de agosto os trabalhadores rurais ocuparam a cidade de Iguatu. Eram mais de 1500, enfurecidos pela seca e o abandono que sofrem. Nesse município do centro-sul do Ceará existem 35 mil trabalhadores, mas o programa de emergência do governo só atende 1.500. Só é atendido quem é apadrinhado do PDS.

Os trabalhadores fizeram uma passeata passando pelo GESCAP e pela Prefeitura (GESCAP é o órgão que faz o alistamento dos trabalhadores no plano de emergência do governo). Quando a passeata passou no escritório do GESCAP, quase houve invasão. O gerente, Dr. Gilvan, além de não ter recebido os trabalhadores, tentou desmobilizar a manifestação. Na véspera ele já percorrerá os distritos de Iguatu, tentando impedir a concentração na cidade. Em frente à prefeitura o presidente do Sindicato de Iguatu, José Gregório, entregou para o prefeito um abaixo-assinado com mais de 600 assinaturas de trabalhadores que queriam se alistar no plano de emergência.

A situação em Iguatu é desesperadora. Segundo a

Sra. Maria Laisa de Matos, que mora numa pequena propriedade de dez hectares, junto com o marido, oito filhos e mais sessenta parentes de seu marido, "com a chuva de março plantamos algodão, feijão e milho e só conseguimos salvar um pouco de algodão. Agora estamos tomando conta de um gado e só vamos receber alguma coisa no ano que vem, quando de cada três bezerros que nascer, nós vamos ficar com um. Morrer de fome, eu não morro — continua ela. Eu vou para Fortaleza me virar. Durante as eleições os homens estão comprado o voto da gente com um par de chinelos ou um pedaço de pão. Agora em 82, nós vamos votar é na oposição para ver se muda a situação". Ainda segundo Da. Laisa, "nós tentamos dar nossa terra como garantia para le-



A difícil luta contra a seca

vantar um empréstimo no Banco do Brasil, mas o gerente só está emprestando para quem tem muita terra. Queria arrumar um dinheirinho para comprar uma vaca e garantir o leite dos meninos. Meus pequenos estão chorando direto e a semana passada o mais novo (2 meses) quase morreu por que ficou mais de 3 dias sem tomar leite". (Da sucursal)



Ao lado, míssil nuclear norte-americano instalado na Europa; acima, manifestação popular na Alemanha Ocidental contra a escalada armamentista das superpotências.

Bomba de nêutrons acelera corrida macabra da guerra

Reagan mandou fabricar novas e sofisticadas armas atômicas. Mas seus rivais soviéticos não querem ficar atrás.

Quando fazia o papel de pistoleiro em filmes de segunda categoria, Ronald Reagan não precisava mais do que um Colt 45 para exterminar índios e mexicanos. Mas agora, para defender os interesses do imperialismo norte-americano, ele e sua quadrilha necessitam de algo muito mais potente. E decidiram fabricar então a bomba de nêutrons, que destrói os seres vivos mas preserva a propriedade (ver o box ao lado).

Isto é apenas um dos ingredientes do plano de escalada militar dos Estados Unidos. De acordo com a proposta do orçamento submetida por Reagan ao Congresso, serão gastos um trilhão e quinhentos bilhões de dólares em armamentos nos próximos cinco anos. Só a construção de três porta-aviões nucleares da classe Nimitz consumirá 32 bilhões de dólares — cerca da metade de toda a dívida externa brasileira.

Essa escalada — a maior da história desde a II Guerra Mundial — constitui um prato cheio para as grandes empresas americanas de material bélico, que perderam, nos últimos dez anos, 23% da parcela que possuíam no mercado mundial de armas. Reagan, eleito com o apoio desse ramo industrial, agora retribui o auxílio. Pouco importa que o número de pessoas que vivem abaixo do nível de pobreza tenha aumentado de 26,1 milhões para 29,3 milhões somente no ano passado.

A URSS NÃO FICA ATRÁS

Junto com o esforço armamentista, o governo americano parte para ações agressivas como o recente ataque à Líbia, a intervenção militar em El Salvador, que vai se tornando maciça, as ameaças a Cuba e os planos de instalação de mísseis nucleares em território europeu.

Tudo isso a pretexto de uma ameaça soviética à paz mundial. E o que os dirigentes da URSS têm a dizer a respeito? Sobre a bomba de nêutrons, a agência noticiosa soviética Tass foi taxativa: trata-se de uma ameaça à humanidade, um gesto de insanidade, uma afronta aos povos... mas deixou bem claro que a URSS "tem as medidas recíprocas adequadas". O jornal das forças armadas

soviéticas, Estrela Vermelha, afirmou que "os EUA esperam superar militarmente a URSS, mas este objetivo é irrealizável". Ficou claro que Moscou está pronta a produzir também suas bombas de nêutrons, retomando as experiências feitas em 1978.

NOVA GUERRA MUNDIAL?

Assim, cada vez que uma superpotência dá um passo na corrida armamentista, a outra avança também para seu lado. As duas, sózinhas, são responsáveis por 40% dos gastos do mundo inteiro em meios de guerra!

A atual escalada militar dos EUA e da URSS reflete um grau mais elevado na disputa entre ambos pela hegemonia mundial. E se produzem tantas armas, cada vez mais sofisticadas e mortíferas, não é certamente para defender a paz.

Um novo conflito mundial evidentemente não interessa aos povos. Por isso mesmo, o clamor contra a bomba de nêutrons e os demais preparativos belicistas das superpotências e seus blocos eleva-se por toda parte. Sobreretudo na Europa, mas também nos demais continentes, as forças da paz e do trabalho levantam-se para deter a mão dos militaristas. (Dilair Aguiar)

Os efeitos mortíferos da "bomba capitalista"

A principal característica da bomba de nêutron é destruir todos os seres vivos, por agir sobre o sistema nervoso, sem danificar construções, veículos e outros bens, o que valeu-lhe o apelido de "bomba capitalista". Uma bomba nuclear produz, ao detonar, explosão, calor e irradiação, esta última representada pela dispersão de nêutrons. Na bomba de nêutrons este último efeito é mais acentuado. Uma onda de radiação penetra em toda parte, causando a morte. Sua ação de certa forma assemelha-se à dos gases, mas a radioatividade permanece por um longo período, contaminando e matando qualquer ser vivo que penetre na região afetada. E Reagan ainda a chama de "arma defensiva".

ABC do socialismo

Outubro de 1917: operários, camponeses e soldados no poder!

As atrocidades da guerra imperialista de 1914-18 criam uma situação revolucionária. Na Rússia, sob a direção de Lênin, os operários, camponeses e soldados tomam o poder. A Revolução Socialista de Outubro de 1917 abre uma nova fase na história da humanidade.

Os trabalhadores, organizados nos Soviets, rapidamente aderiram à linha de Lênin e dos bolcheviques.

A INSURREIÇÃO VENCEU!

Na madrugada de 7 de novembro (25 de outubro pelo antigo calendário), estourou a insurreição armada em Petesburgo, centro do movimento operário. Em questão de dias, a revolução triunfava em toda a velha Rússia.

Para a classe operária, a guerra significou exploração redobrada, salários reduzidos, escassez de pão, carne, vestuário e carvão, violenta repressão, envio de milhões de trabalhadores aos campos de batalha.

CRISE REVOLUCIONÁRIA

Criou-se uma situação revolucionária na Europa. Os operários começaram a voltar-se para a orientação internacionalista de Lênin e seus partidários: "Transformar a guerra imperialista em guerra civil. Voltar as armas contra a burguesia, derrubar o seu poder e conquistar a paz".

Na Rússia, uma revolução popular derrubou o Czar em fevereiro de 1917. A burguesia conseguiu apoderar-se do poder, graças à sua organização, ao controle das riquezas do país e ao apoio dos revisionistas e pequeno-burgueses. Mas ao lado do poder burguês formou-se um outro, baseado em comissões de operários, camponeses e soldados, conhecidas como Soviets. E quando ficou claro que os capitalistas não resolveriam os problemas da Paz, da Terra e do Pão, Lênin, à frente do partido operário russo (bolchevique), lançou a palavra de ordem — "Todo poder aos Soviets!"

neses e soldados, conhecidas como Soviets. E quando ficou claro que os capitalistas não resolveriam os problemas da Paz, da Terra e do Pão, Lênin, à frente do partido operário russo (bolchevique), lançou a palavra de ordem — "Todo poder aos Soviets!"



Lênin com os trabalhadores às vésperas de outubro

A revolução de Outubro criou o primeiro estado socialista do mundo. Na Rússia revolucionária passou a haver a mais ampla liberdade para os trabalhadores; e a ditadura do proletariado contra as classes exploradoras.

As primeiras medidas do novo Estado foram para garantir aos trabalhadores a Paz, a Terra e o Pão prometidos. Os instrumentos de trabalho, as terras e as fábricas passaram às mãos dos produtores. Começou a construção da nova sociedade, livre de exploração do homem pelo homem. E isso apesar da sabotagem que a pátria dos Soviets sofreu, logo depois da I Guerra Mundial, por parte de 14 potências capitalistas.

A III INTERNACIONAL

A Revolução de 1917 repercutiu em todo o mundo, dando ânimo à classe operária. Agora, estava provado que os trabalhadores podiam libertar-se. Dois anos depois, sob a direção de Lênin, surgiu a III Internacional Comunista, forjada na luta contra a traição revisionista. No próximo artigo veremos como tudo isso ecoou no Brasil.





Fala o Povo destaca neste número a carta de um leitor de Suzano, São Paulo, que denuncia o envolvimento do prefeito da cidade e de vários outros políticos do PDS com contrabando de drogas. Nosso correspondente voluntário conseguiu descobrir todos os envolvidos e revelou o nome e o grau de participação de cada um deles.

Denúncias como essa são muito importantes. O prefeito pedessista, por exemplo, dificilmente conseguirá realizar sua ambição de ser deputado. O povo, alertado por essas informações, seguramente não irá eleger como seu representante um traficante de drogas e corrupto, que rouba o bolso dos que trabalham.

Escreva você também, amigo leitor! Envie denúncias da exploração a que você é submetido na fábrica, no escritório, no campo ou em qualquer lugar! Contribua para que esta seção seja um retrato vivo da situação de vida de nosso povo. Esta seção é sua!

(Olívia Rangel)

MÉDICO DE BELO HORIZONTE-MG

Polícia no correio usa censura a telegramas de solidariedade

No dia 3 de agosto fui à Agência Central de Correios e Telégrafos de Belo Horizonte, passar um telegrama de apoio da Associação Hospitalar dos Medicos Residentes do IPSE-MG aos colegas do Hospital dos Servidores Públicos do Estado de São Paulo, que se encontram em greve contra as punições a que foram submetidos pelo superintendente, coronel Freitas.

A funcionária recusou-se a passá-lo, alegando que o texto estava pesado e, após ligação para um senhor chamado

José Boeri, no 2º andar, pediu que eu me identificasse. Aleguei que a função do correio, como serviço de utilidade pública, não era policiar os textos e sim encaminhá-los conforme redigidos. A funcionária respondeu que então eu ficasse sabendo que "ali tinha polícia, sim, e Federal".

Este fato entra para a longa lista que mostra a existência do aparelho repressivo policial-militar e a falsidade da "abertura".

(A.F. - médico - Belo Horizonte, Minas Gerais)



FAVELAS EM ARACAJÚ-SERGIPE

Morador de invasão quer ter sua casa

Há cerca de 6 meses a população de Aracaju se viu diante de um fato novo, que revela que a cidade está crescendo: surge uma invasão às vistas de todos.

A nova invasão, em frente ao Terminal Rodoviário, proliferou da noite para o dia. Ao todo são 115 barracos, onde moram famílias, na sua maioria vindas do interior em busca de trabalho e sem ter onde morar. Todo mundo fraquinho, precisando mesmo.

No início a Prefeitura tentou acabar com a invasão usando funcionários da limpeza pública, que se recusaram a derrubar os barracos, de "gente tão pobre como eles...". A Prefeitura passou então a utilizar o corpo de bombeiros e a polícia. Várias vezes a polícia foi ao local, derrubou alguns barracos, mas o pessoal reconstruiu tudo. A Prefeitura deu então o prazo de uma semana para se mudarem ou então derrubariam todos os barracos.

Os moradores se organizaram e fizeram uma passeata até a prefeitura, onde ficaram

concentrados. Depois de muita discussão com os guardas, conseguiram que uma comissão de 4 moradores fosse recebida pelo prefeito Heráclito Rollemberg.

Diante da pressão exercida pelos moradores, o prefeito disse que não ia mais derrubar as casas existentes, mas que não construísem mais nenhuma. Também mandou que os moradores voltassem para se inscrever num conjunto residencial.

As assistentes sociais da prefeitura têm visitado os moradores e oferecido 2 mil cruzeiros para as famílias deixarem as casas num prazo de 10 dias. Os moradores estão numa expectativa muito grande, pois a ameaça de perderem suas casas continua. Não sabem que condições vão ser impostas nesse tal conjunto. Os 2 mil que as assistentes oferecem para pagar o alugel da outra casa só dão para o 1º mês. Perguntam os moradores: e os outros, quem vai pagar?

(Correspondente da TO em Aracaju, Sergipe)



Alguns dos envolvidos; da esquerda para a direita: o prefeito Estevam, o médico Mori, o vereador Vidal e "Guaru".

Escândalo da cocaína em Suzano envolve o PDS!

Leitor da Tribuna denuncia gang da prefeitura e dá nome aos bois.

A população de Suzano está horrorizada com a notícia de que o Prefeito Estevam Galvão de Oliveira está envolvido com contrabando de produtos químicos, fato denunciado já há alguns dias pela **Tribuna Operária**.

Diante da denúncia, a Polícia Federal agiu e encontrou coisa mais grossa: escondido dentro dos tambores de produtos químicos, envolto em plástico, foram encontrados mais de 6 bilhões de cruzeiros em cocaína, ópio, morfina e jóias. Isso ocasionou a prisão do sr. Alípio Gusmão e seus irmãos, bem como dois irmãos do prefeito. O sr. Alípio é dono da imobiliária Sullivan e é um conhecido grileiro, vive enganando os operários e depois se nega a legalizar os documentos dos terrenos que vende. Ainda por cima é passador de cheques sem fundo. A delegacia local é prova disso.

O prefeito do PDS, que é sócio do sr. Alípio, saiu de licença depressinha e fugiu para Mato Grosso di-

zendo que ia pescar. Este grupo mafioso conta ainda com vários vereadores do PDS, como os senhores Ciro Rafael, Romeu Pereira Vidal, Antônio Valdemar Gallo (que inclusive adquiriu um diploma falso no Instituto de Educação Suzanina), Antônio Teixeira (que segundo dizem é quebra-galho na alfândega), Aristides José Rodrigues, e Antônio Garcia, além de vários assessores. Destaco o assessor de Receita da Prefeitura, sr. José Carlos de Almeida Palharvam, ex-investigador da Polícia de São Paulo, expulso por achaque e estelionato, condenado a 6 anos de cadeia e que está em liberdade sob "sursis".

Fazem parte também do bando o vereador do PDS Antônio Modelo, que não trabalha e além de estar envolvido com o tráfico vive pressionando os operários que compram terreno da Sullivan a pagar as prestações atrasadas, sob ameaça de chamar a polícia. E o vice-prefeito, Dr. Kazuhiro Mori, que a serviço

do INAMPS enriqueceu fazendo cesariana nas mulheres sem necessidade, para faturar mais.

O estranho de tudo isso é que dizem na cidade que a imprensa não publicou nada porque a quadrilha pagou para os jornais, e que a Polícia Federal levou 50 milhões para colocar pano quente e abafar as coisas. E um tal de Amadeu José de Moraes, conhecido por "Guaru" pagou 20 milhões para o nome dele ficar fora desta estória.

Enquanto essa corja tem tanta propriedade e dinheiro, Suzano está completamente abandonada, sem saneamento básico, nem postos de saúde na periferia. Esperamos que a Polícia Federal apure os fatos até o fim e meta essa quadrilha na cadeia. Só assim o povo irá acreditar que ainda existe um pouco de justiça no Brasil e que cadeia não foi feita só para os operários desempregados, acusados de vadiagem.

(Um colaborador da TO em Suzano, São Paulo)

FLAGELADOS DA SECA-MARANHÃO

Prefeito rouba verba de assistência e posa de bom

Aqui em Esperantinópolis fazem dos pobres lixo. Quando fomos alagados, a maioria dos que sofreram as consequências eram ricos. Por isso mandaram só coisa pra rico comer: tudo era bom, café, feijão, arroz, açúcar, macarrão, carne. Tudo foi distribuído e os ricos ficaram com a maioria.

Agora que a a crise se abate principalmente sobre as classes oprimidas, veio arroz, feijão e óleo. O arroz, meu Deus, é o mesmo que farinha de puba, ardido, fedorento. O feijão, botando numa panela de pressão e cozinhando 24 horas ainda fica duro. O óleo fede que nem carniça, nem pra sabão presta. Por que fazem isso? Não é de nosso trabalho que saem todas essas coisas?

Fazem a maior propaganda, dizem que foi o prefeito Anísio Carneiro que fez isso e aquilo. Aproveitam não ter chovido para segurar bem os legumes. Quem saiu distribuindo fichas foi a mulher do vereador Chico Monteiro, Rita, a mulher do Natal, Terezinha, e a mulher do Raimundo Oliveira, Nazaré. Também o vereador Zé Felix e o professor Bonifácio. Não sabemos porque tanta preocupação, para que tanto tocar trombeta. Isso tudo é para nós esquecermos das balas de fel que nos deram e continuam a dar.

Cadê a luta deles pra gente brocar as roças, pra gente permanecer na terra? Cadê o preço na nossa produção? Eles representam os interesses da burguesia, nos roubam

tudo, depois vêm com esmola que não representa nem um terço daquilo que eles nos tiram.

Trouxeram a Legião Brasileira de Assistência dizendo que é para ajudar os necessitados. Mas vejamos em que mãos ficou: dona Albertina, cunhada do prefeito; dona Rita, esposa de um vereador; dona Nazaré, da mesma família e Dona Maria Carneiro, esposa do prefeito. Isso para o público não saber o que se passa com as verbas que chegam. Onde passavam, diziam que o prefeito é bom, que perdoou até as dívidas que os lavradores deviam ao banco, que o mesmo estava botando água nos centros onde estava sem água.

(Um leitor da TO — Esperantinópolis, Maranhão)

OPERÁRIO DESEMPREGADO-SP

Embraer demite empregados e obriga outros a fazer hora extra

A EMBRAER firma controlada pela ditadura, contribui ativamente para o desemprego. O Sr. Murilo Macedo pediu para que as indústrias demitissem funcionários solteiros e dessem preferência aos casados, mas nada disso funciona.

A empresa demite descaradamente os casados e ainda promove os solteiros. Na semana passada fiquei sabendo pelo meu irmão, que foi demitido no mesmo dia, que no setor onde ele trabalhava todo mundo foi embora. A EMBRAER, alegando um fracasso que não é real, disse que o serviço acabou. Enquanto esses funcionários eram demitidos, em outros setores o pessoal está se esgotando em horas extras.

Os demitidos poderiam ser aproveitados em outros setores. Ao invés



disso estão aí no setor do desemprego, da fome e da miséria, junto com suas famílias. E dificilmente conse-

guirão emprego. (Um desempregado colaborador da TO - Taubaté, São Paulo)

SECA NA PARAÍBA

Paraíba importa mais de 95% do feijão e arroz que consome

O Estado da Paraíba vai experimentar um 2º semestre negro. Mesmo tendo o Nordeste uma irregularidade de chuvas de 5 anos, nada de efetivo foi levado a prática, visando a minoração da difícil situação que se avizinhava. O governo do Estado não deu por menos. Ficou apenas gritando nos corredores da Sudene por recursos para abrir frentes de emergência, onde o trabalha-

dor é alistado e recebe por mês um salário famigerado, a espera de nova seca.

Para se ter uma idéia da incapacidade administrativa e da falta de interesse para com as condições de vida de nosso povo, a Paraíba produziu menos de 5% do feijão e do arroz que consome, tendo que importar mais de 95% desses gêneros. E, numa tentativa de

enganar o povo, o governo do Estado mandou confectionar e está distribuindo 80 mil silos de pequeno porte, que só servirão para armazenar o repúdio do povo por estes fantoches que se apossaram do poder em nome da falta de ordem.

(Um funcionário público de João Pessoa, Paraíba).

GUANAMBI-BAHIA

Médico mostra que causa de doença é fome e miséria

A Associação Profissional dos Trabalhadores na Construção Civil e o Centro Estudantil de Guanambi promoveram, no bairro pobre de Alvorada, uma palestra sobre saúde. O palestrante foi o médico Avelar Viana, figura popular na cidade e membro da oposição local, provável candidato a prefeito pelas oposições.

Na ocasião, o médico fez a defesa de programa de medicina preventiva, mostrando que "para o povo ter boa saúde três coisas são básicas: salário compatível, alimentação e higiene".

Um operário presente perguntou: "como, numa cidade que nem Guanambi, onde o salário é metade do salário mínimo oficial, um pai de família pode dar alimentação à família?". Dr. Avelar respondeu: "é necessário unir o povo para lutar contra a carestia, contra a exploração e por uma sociedade justa".

Durante o debate com o médico Avelar Viana, o pedreiro Valdivino, morador do bairro, falou firme: vamos sair daqui, minha gente, pelo menos com uma comissão de moradores para levantar os problemas do bairro e ver a forma de obrigar a prefeitura a ajeitar isso". Gilson Moreira, morador do bairro, propôs uma comissão pró-Associação de Moradores do Bairro Alvorada. Ficou formada uma comissão provisória com 32 moradores, dos quais 18 são mulheres, mães de família.

(Do correspondente em Guanambi,



RECIFE-PERNAMBUCO

Mães protestam contra despejo e violências

Uma comissão de 18 mulheres acompanhadas de suas crianças e um homem compareceu na tarde do dia 5 de agosto na Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco para, em nome de mais de 80 famílias, protestar contra as ameaças de despejo de que estão sendo vítimas.

A pedido dos populares foi lido na tribuna da Câmara, pelo deputado Eduardo Pandolfi, o abaixo-assinado que se segue:

Nós, mães, pedimos às autoridades competentes que nos apoiem quanto ao direito de moradia. Somos mães domésticas e pescadoras, que vivemos sustentando nossos filhos abaixo do salário mínimo e fomos obrigadas, há mais de dois anos, por falta de moradia, a invadirmos as casas do Maranguape II. Não podemos pagar aluguel de casa e fomos ontem ameaçados por um representante da Lemos (construtora), sr. Vinícios, pelo delegado da região, sr. João Acioli e outro policial que não conhecemos. Nos obrigaram a desocupar as casas dentro de 7 dias. Não temos para onde ir, foi essa a nossa resposta. Temos crianças, não podemos ficar nas ruas despejadas. Somos mães criando filhos para servir ao Brasil e vendo a hora deles serem marginalizados por falta de moradia.

Somos pessoas humanas que estamos pedindo um apoio, porque sabemos que merecemos consideração por nossas crianças. Se o governo não nos apoiar, em quem devemos confiar? Queremos nossos direitos como mães brasileiras. (Seguem 19 assinaturas - Recife, Pernambuco)

COROATÁ-MARANHÃO

Água custa 700 cruzeiros mas não chega em casa

Escrevo esta carta para denunciar o que vem ocorrendo com a Companhia de Água e Esgoto, CAEMA, que vem assaltando o bolso dos consumidores.

Há mais de um ano falta água em Coroatá, mas todos os meses vem a cobrança. Tem casa que não sai uma gota d'água. A CAEMA, que é um órgão administrado pelo Governo João Castelo, permite roubo de toda natureza e ainda sai cortando os canos sem fornecer água.

Este diretor dessa tal CAEMA será cego ou doido? O povo, além de passar fome, precisa beber e ainda é furtado desse jeito? É possível isso? A companhia só promete e não cumpre. No entanto a gente que pagava 59 cruzeiros por mês passou a pagar 700 cruzeiros, isso aconteceu também comigo. O povo de Coroatá precisa lutar contra isto!

R.L.B. - Coroatá, Maranhão)

Lavrador baiano tem coragem de lutar pela terra

Venho por meios desta explicar várias injustiças que sofremos por parte dos poderosos. No povoado de Queixo-danta um tal de Dr. Valdo, pernambucano, por intermédio do sr. Timóteo Serafim tomou todas as terras onde os moradores da região sobreviviam, deixando todos do lado do desespero, pois era a única renda que tinham. Como são gente de pouco conhecimento, perderam tudo injustamente pois estas terras pertencem à União.

Agora quem está ficando do lado dos injustiçados são os vários lavradores do vizinho povoado de Mulungu.

Lá um tal Pedro Bezerra comprou uma pequena area cercada com madeira sem cultivo e em seguida vendeu a um tal Manoel Gomes da Silva. Este, quando apareceu, já tinha um documento tirado de usucapião. Este mentiroso documento foi tirado em silêncio, sendo que dois falsos colegas receberam uma pequena quantia para assinarem como testemunhas. O documento recebeu também a assinatura de mais três imbecis de Campo Formoso, um deles o ex-vereador e vice-prefeito derrotado Antônio Alexandrino de Miranda.

Para que todos saibam da mentira, diz o documento: “uma área de mil e 500 tarefas, sendo 500 cultivadas com plantação de mamona, mandioca, sisal e capim palma”. Afirma que Manoel Gomes trabalhava na terra há vários anos. Manoel nunca trabalhou na terra, vende esmeralda de garimpo.

Esta tragédia nos mostrou o que são capazes de fazer os governantes deste



Ilustração Zécrux

município, que mostram cara de santo e têm coração de diabo. Tudo isso já dissemos na cara deles e estamos prontos para tudo. Estamos procurando justiça e se esta não aparecer vamos derrubar e queimar quaisquer cercas que venham a nos prejudicar.

Em Gameleira, povoado vizinho, apareceu um grileiro, Manoel Ribeiro Carvalho, morador em São Paulo, onde sua atividade é administração de imóveis. Ele está cercando toda a área e diz ter muito dinheiro para tomar nossas terras.

Estas são as injustiças sofridas por nós daqui de Campo Formoso. Não temos dinheiro de esmeraldas nem de imóveis. Não temos cursos elevados, mas temos o mais importante: nossos filhos e nossa terra. Só confiamos na força de nossos braços e coragem é que não nos falta. **(Lavradores em nome dos moradores de Lages, Gameleira, Mulungu e Cercadinho - Bahia)**

CONSTRUÇÃO CIVIL-BAHIA

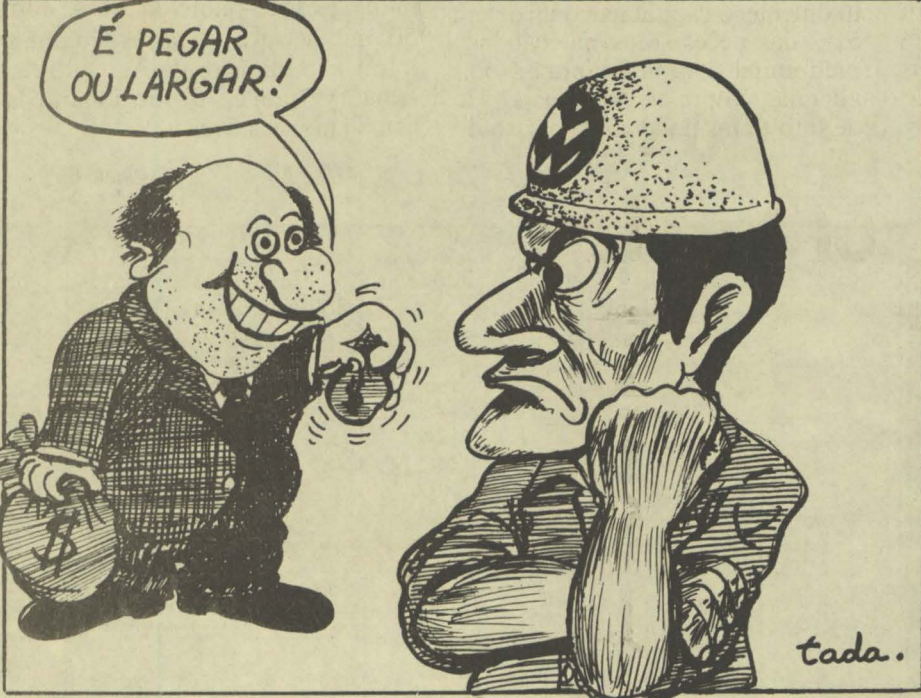
Operário da construtora recebe 6 mil por mês

Como leitor e colaborador deste jornal, que para nós, operários, representa uma bandeira, resolvi que devia levar ao conhecimento do povo o que eu, como funcionário de uma construtora, pude ver durante os 6 meses em que nela trabalhei.

A obra era financiada pelo governo, que pagava a esta construtora todos os materiais utilizados a juros de 12% ao mês, e colocando junto a mesma um capataz que tinha a função de pressionar, humilhar, ameaçar e demitir os funcionários que não obedecessem a seus rugidos animalescos. Estes operários, pais de 5 até 11 filhos, para receber

o míngua do salário de mil e 500 a dois mil cruzeiros semanais disputavam lugar em filas enormes. Se alimentavam de escaldado de farinha, usando como prato seus capacetes ou latas de flandre, enquanto o capataz gozava das tão conhecidas regalias do sistema, como por exemplo: carro a disposição, farta alimentação e ainda uma diária de 2 mil e 100 cruzeiros.

Isto tudo é fruto da podridão do sistema capitalista. O que se necessita é a união de todos os operários brasileiros para servirem de coeiros do capitalismo do qual somos as vítimas. **(Um operário da construção civil - Salvador, Bahia)**



OPERÁRIO DESEMPREGADO-SP (II)

Volks de Taubaté coloca funcionários na parede

A Volkswagen de Taubaté pega seus funcionários e encosta na parede, obriga-os a se demitirem, pois este acordo que a firma propôs é ridículo e inaceitável.

Conversei com um dos demitidos e ele me disse que só em Taubaté a Volks demitiu mais de 500 empregados, que não tiveram tempo sequer para se defender.

Segundo a Volkswagen, a proposta é amigável e os trabalhadores a aceitam de livre e espontanea vontade. Mas segundo os empregados, eles são forçados a aceitar o acordo. A coisa funciona da seguinte maneira: o feitor chefe da área convida o empregado

para ir até sua mesa e expõe o “acordo”: “você está convidado a se demitir”. O infeliz fica confuso, mas não tem outra escolha. E as ameaças continuam: “ou você fica com esta maravilhosa proposta ou na semana que vem vai ter que sair sem ela”.

O infeliz cai direitinho. Esta é a tática dsse capitalismo selvagem em que nós vivemos. O governo sabe disso e não move uma palha. E assim o problema vai se espalhando por todas as indústrias, levando a fome e a miséria total para o trabalhador e suas famílias.

(Um operário desempregado colaborador da TO - Taubaté, São Paulo)



Um dos policiais agressores dos torcedores.

VIOLÊNCIA POLICIAL-SP

PMs agredem torcedores no estádio

A partida Santos X Portuguesa, que se desenvolvia no estádio do Canindé, na capital paulista, estava muito movimentada. Aos 39 minutos do 2º tempo, os dois times tinham criado várias chances de gol.

Foi então que aconteceu o “gran finale” em termos de violência: um grupo de aproximadamente 47 policiais correu em direção às arquibancadas onde se encontravam os torcedores santistas. Começou o espancamento indiscriminado. Os cacetetes bramiaram com energia e os rostos atingidos se deformavam na mesma proporção. De nada adiantaram os protestos dos repórteres presentes. Um policial não hesitou inclusive em abrir os braços frente às câmaras dos fotógrafos exibindo sua força diante da aterrorizada plateia.

No final da partida havia na enfermaria aproximadamente 28 torcedores com marcas e hematomas generalizados, enquanto outros eram internados em estado grave. Em pânico, muitos torcedores seguramente não voltarão mais a um estádio de futebol para prestigiar seu clube.

Esses policiais seguramente serão tão “punidos” quanto o que assassinou o operário Santo Dias da Silva, que anda pelas ruas livremente. **(Laerte Santos de Oliveira - São Paulo)**

APOSENTADORIA

INPS quer ver operário trabalhar a vida toda

Se vingar a idéia draconiana de Jair Soares — aposentadoria aos 60 anos — e tendo em conta que pela CLT o operário pode iniciar-se no trabalho aos 14 anos, isso significaria um ciclo de 46 anos de trabalho profissional propriamente dito.

Já o militar, fautor do atual sistema e suas iniciativas, com base no artigo 101 (aposentadoria aos 30 anos de “serviço”) e artigo 138 (computáveis 7 anos de formação escolar e acadêmica) de lei federal 5774/71, está obrigado a apenas 23 anos de serviço profissional propriamente dito. É dose, 46 X 23! **(Um anônimo bem informado - São Paulo, capital)**

COMERCIÁRIO CARIOCA

SESC aumenta o preço da refeição mais que salário

Na data de criação do SESC, os trabalhadores de diversas categorias, inclusive os comerciantes, faziam muitas greves e manifestações de rua. Os patrões, vendo isso, e temerosos com as constantes greves que prejudicavam seus lucros enormes, tiveram a idéia de então criar o SESC e SENAC para o comerciário, o SESI e o SENAI para os industriários. Entretanto, a briga entre empregado e patrão nunca deixou de existir. Isso por que a exploração do assalariado não vai desaparecer enquanto existir capitalismo. Sob esse regime militar os baixos salários e as péssimas condições de vida causam sofrimentos para milhões de brasileiros.

É por isso que não concordamos quando o SESC do Rio de Janeiro aumenta de 50 para 100 cruzeiros o preço das refeições em seus restaurantes. É uma vergonha! Enquanto o comerciário comissionista é aumentado em 200 cruzeiros mensais, o restaurante do SESC aumenta 100% o preço da refeição!

Por isso conclamamos todos os companheiros comerciantes do Rio de Janeiro a se unirem em torno de seus interesses de classe. Participar do sindicato, mesmo com o pelegão lá, é um dever nosso. Só assim o tiraremos de lá e colocaremos comerciantes que querem realmente o bem da classe. Discutindo nossos problemas nos locais de trabalho, nos próprios restaurantes do SESC e onde for possível discutir, estaremos dando um grande salto para a formação de uma chapa de oposição ao atual pelego que domina nosso sindicato. **(Amigo da TO em Madureira, Rio de Janeiro)**

OPERÁRIOS PARAIBANOS

Operários reivindicam melhorias nos ônibus

As dificuldades dos operários do Distrito Industrial de João Pessoa são imensas. Primeiro, os nosso salários são de fome. O que se ganha aqui normalmente é o salário mínimo da região, 6 mil e 800 cruzeiros.

Nossas condições de trabalho são péssimas. Os acidentes de trabalho são uma constante. A vida para o nordestino, que já é sofrido, a cada dia se torna mais insuportável.

João Pessoa é ainda uma cidade pequena, mas normalmente o operariado tem que pegar dois transportes para conseguir chegar ao trabalho. Os ônibus são velhos, sujos e incômodos. Além disso, os diretores das empresas de coletivos fazem o que bem entendem. Tiram e botam ou mudam

o itinerário dos ônibus quando querem e ainda contam com o apoio do Detran e da Prefeitura para isso.

Após descer do ônibus, temos que andar a pé um bom percurso debaixo de sol e chuva, na poeira ou na lama para chegar ao trabalho.

Foi então, vendo isso, que os operários de 11 indústrias resolveram fazer um abaixo-assinado pedindo a volta do ônibus Jardim Vereza via Distrito Industrial, que era o antigo itinerário dele. Fomos em comissão à Empresa de Transportes Urbanos, Etur. Falamos com o Dr. Diomedes, seu diretor. Ele se negou terminantemente a satisfazer nossa reivindicação, dizendo que isso não daria lucro para a empresa. Perguntamos pelo

bem estar dos trabalhadores e respondeu que isso não era problema dele e sim da prefeitura.

Só conseguimos a promessa de que os ônibus seriam aumentados de número no horário de maior movimentação, ou seja, das 5 às 8 horas, das 12 às 14 horas e das 17:30 às 19 horas. Mas mesmo isso não foi colocado em prática. Mas não aceitamos a derrota. Fomos ao Detran. Se ele não atender nossas reivindicações, não iremos ficar parados. Se ninguém der solução para nossos problemas, aí então os operários dessas 11 indústrias saberão de que lado estão essas autoridades.

(Grupo de operários dessas indústrias - João Pessoa, Paraíba)



SALINEIROS CEARÊNCES

Mudar o sindicato para acabar com a exploração

A situação dos salineiros do município de Barroquinha piora a cada dia que passa. Os donos das salinas não se importam de ver os trabalhadores se acabarem no sol quente.

A exploração é grande. O patrão não oferece emprego fixo. O tempo de serviço é no máximo de um mês e, ainda mais, não oferecem nenhum material de proteção contra o sol. Todos os salineiros são doentes da vista devido à brancura do sal e ainda têm as articulações doentes porque o sal penetra na pele.

Com quase todos os salineiros não tem emprego fixo, é muito difícil ter carteira assinada.

Quando um salineiro fica doente é muito difícil ser atendido no INPS.

Mas a exploração maior é no pagamento. O salário é muito baixo, mal dá pra se viver. Algumas salinas pagam por produção, mas acontece que quando vai pesar o sal, o capataz pesa errado, e o patrão sai ganhando e o salineiro sempre perdendo.

Existe um sindicato, mas este não é muito combativo e às vezes se alia com o patrão. O presidente do sindicato há duas eleições concorre sozinho e quando aparece oposição ele trata de desmoralizar a outra chapa.

Essa situação não pode mais ficar assim. É preciso que os salineiros da região tomem o sindicato para os trabalhadores e unam-se para combater os patrões exploradores.

(Salineiro de Barroquinha, Ceará)

DELEGADOS SINDICAIS EM OSASCO-SP

Trabalhador do setor de água e esgoto querem associação

Os trabalhadores da Companhia de Água e Esgoto de Osasco conquistaram no dia 1º de julho 8 delegados sindicais, sendo 4 efetivos e 4 suplentes.

A escolha foi feita por meio de voto secreto e causou muita mobilização e disputa entre as duas chapas que concorreram ao pleito.

Dos 250 trabalhadores da empresa, 217 votaram, mostrando assim que houve um grande interesse da categoria em eleger seus representantes. Ao final das eleições a Chapa 1 venceu a Chapas 2 por 129 votos a 85. A Chapa 1 é constituída por 4 companheiros do setor industrial e 4 do escritório.

Após serem empossados, os delegados já tiraram um programa de trabalho mínimo que tem como alguns pontos principais: 1 - participação na Conclat; 2 - formação de uma CIPA e 3 - formação de uma associação profissional.

(C.A.C. - Osasco, São Paulo)

ASSISTENTE SOCIAL-RJ

Diretoria do sindicato não confia nas suas bases

A assembléia realizada pelo Sindicato de Assistentes Sociais do Rio de Janeiro para a eleição de delegados para a Conferência das Classes Trabalhadoras, Conclat, revelou uma falta de reconhecimento político e compreensão do papel que a Conclat pode desempenhar no atual processo de crescimento da luta dos trabalhadores.

É hora de união. A união dos operários e demais trabalhadores voltados para uma ação co-

mum poderá significar um salto nesta situação de crise e uma arrancada no sentido de se assumir um papel de liderança na derrubada do regime militar e formação de um governo democrático de unidade popular.

A Executiva da Conclat e seu regime determinam que a eleição de delegados seja feita em assembleias, congressos ou conferências.

Na assembléia em questão, porém, a diretoria convocou e

conchavou a escolha de pessoas diretamente ligadas a ela, com o argumento de que são pessoas mais ligadas ao movimento sindical.

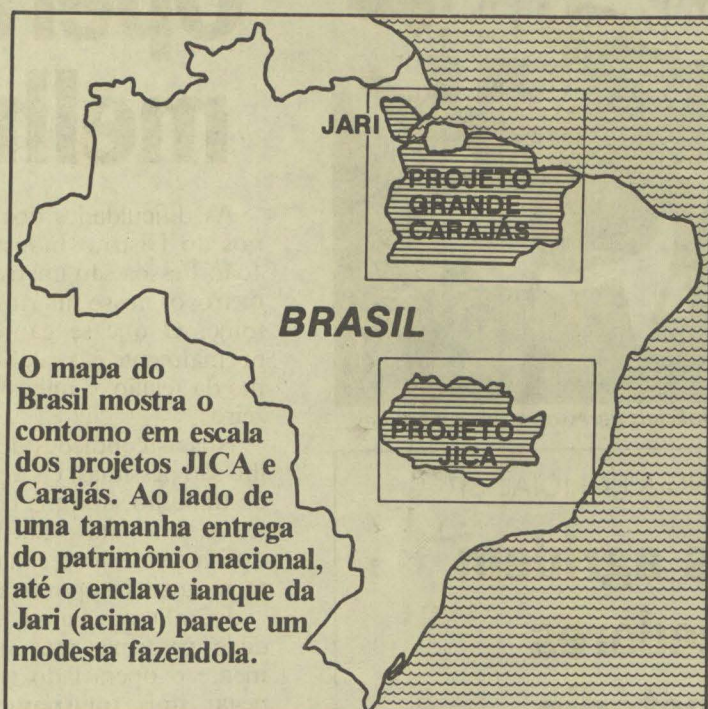
Considero que tal posição demonstra ainda falta de confiança nas bases e uma perspectiva falsa de que o movimento sindical vai crescer com trabalho limitado às reuniões de cada categoria e cúpulas de cada sindicato. **(A.M. - assistente social - Rio de Janeiro, RJ)**

7 de Setembro
Especial

Figueiredo vende o Brasil aos pedaços!

Castelo Branco tinha um ministro que dizia: "O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil". Geisel triplicou nossa dívida externa, assinou o Acordo Nuclear e criou os "contratos de risco" para entregar nosso petróleo. Mas o general Figueiredo, com os projetos JICA e Grande Carajás, pretende ganhar disparado o campeonato nacional dos governantes vende-pátria.

Neste 7 de Setembro, a Nação constata, revolvida, que tem um Silvério dos Reis na Presidência da República. Na Amazônia ameaçada pelo Carajás, o povo se reúne aos milhares para ouvir a pregação oposicionista contra o governo de traição nacional. As lutas democráticas e patrióticas se integram. Em todo o Brasil ecoa novamente o brado de "Independência ou Morte!"



O mapa do Brasil mostra o contorno em escala dos projetos JICA e Carajás. Ao lado de uma tamanha entrega do patrimônio nacional, até o enclave ianque da Jari (acima) parece um modesta fazendola.



O deputado Ademir Andrade denuncia o entreguismo ao povo de Palestina, Pará.

Carajás entrega Amazônia a preço de banana

O parecer do Conselho Interministerial do Carajás é claro. Quer que sejam concedidos "quaisquer incentivos e benefícios fiscais" às empresas multinacionais que participarem do projeto. Delfim Neto encabeça a lista dos ministros que assinam o documento, datado de agosto de 1981. E sai pelo mundo oferecendo, a preço de banana, os incríveis recursos minerais e vegetais de uma das regiões mais ricas do planeta (veja o mapa abaixo). Americanos, alemães, japoneses e até os soviéticos já se interessaram. Vai começar a maior liquidação da história.

O próprio governo não faz segredo das suas intenções. O documento da companhia estatal do Vale do Rio Doce, que propõe o Projeto Grande Carajás, ou Carajás, fala das "imensas dificuldades" do "Brasil da década de 80". E conclui: "Somente um projeto grandioso e com características acentuadas de exportação poderia cobrir o período crítico dos próximos anos, gerando, concomitantemente, o crédito e a credibilidade necessários para cobrir esta terrível defasagem".

A saída seria o Carajás, "uma concentração harmônica (!?) dos capitais governamental e privado nacional com o capital estrangeiro". E as coisas são apresentadas em regime de urgência, pois "o conselho de velocidade" desempenha "um papel muito importante".

A parte do Brasil seria usada para cobrir a "terrível defasagem" — a

dívida externa, que em 1981 já custará 15 bilhões de dólares.

RAZÕES DO IMPERIALISMO

De sua parte, as multinacionais têm o maior interesse na negociata. A busca do lucro máximo empurra-as para os países onde a mão-de-obra é barata, como o Brasil. A crise do petróleo, encarecendo os transportes, tornou mais vantajosa a elaboração ou semielaboração das matérias primas nos países de origem. E, por fim, as leis antipoluição nas metrópoles do capital tornam interessante transferir para nações dependentes as indústrias altamente poluentes, como a metalurgia.

O Carajás é justamente isto: um projeto para explorar os nossos minérios, poluir o nosso ambiente, sugar a nossa força de trabalho avil-

tada, a energia de nossos rios, a fertilidade de nossas terras, e depois carregar tudo para fora, a preços de liquidação.

No Brasil ficarão apenas os buracos, como já aconteceu na Serra do Navio, Amapá, saqueada pela Bethlehem Steel americana. Durante 25 anos.

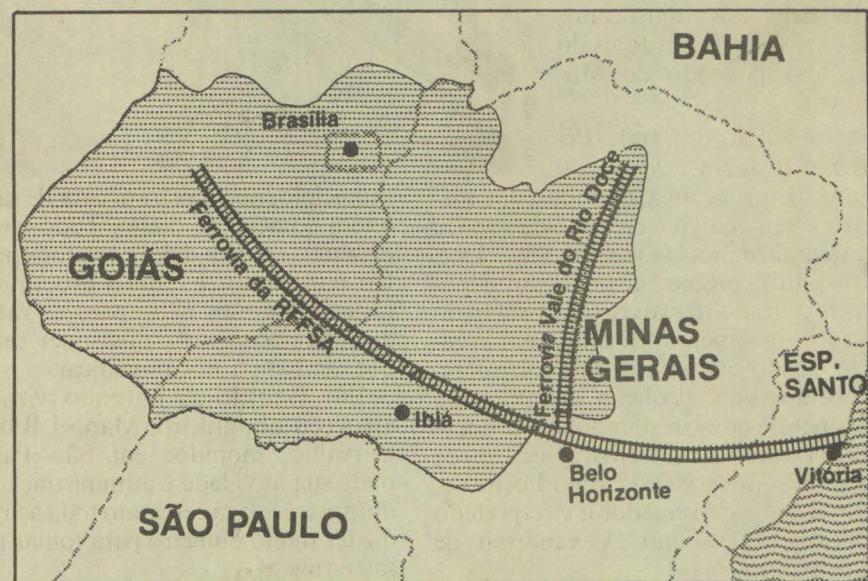
INCENTIVOS ESCANDALOSOS

Porém o que mais escandaliza no Carajás são os incentivos e benefícios concedidos ao capital estrangeiro. Para começar, dos 30,6 bilhões de investimentos necessários ao projeto, o governo arcará sozinho justamente com aqueles que não têm retorno: construção da Ferrovia Carajás-São Luís (890 km), dos portos de Barcarena e Ponta da Madeira, da usina hidrelétrica de Tucuruí (4 mil MW), que ficarão em mais de 6 bilhões de dólares.

Além disso, o Decreto-Lei 1.813, aprovado por decurso de prazo, "institui regime especial de incentivo" para os beneficiários do projeto. E o Decreto-Lei 1.825 isenta do imposto de renda, por dez anos, todas as empresas que participarem do projeto!

O argumento do governo, de que o Carajás vai gerar empregos, é mentiroso. Calcula-se que ao final do projeto serão criados 25 mil empregos diretos. E as centenas de milhares de famílias que já moram e trabalham na região? Desde agora os grileiros do Maranhão, Pará e Goiás estão forjando mais um "andar" de títulos falsos na área do projeto.

"O progresso que conseguimos ver até agora é o progresso do colonialismo desenfreado se abatendo sobre a Amazônia", declarou dia 14 o professor paraense Gabriel Guerreiro, com sua indiscutível autoridade de geólogo e patriota. Na resolução da Conclat sobre a questão agrária, foi incluído, por aclamação, um energético protesto contra o Projeto Carajás. O povo não se conforma com tamanho entreguismo. Não o permitirá.



A área do Projeto JICA envolve inclusive a capital federal.

Capital japonês crava as garras no cerrado

Ao contrário de Carajás, que está em leilão, o projeto da JICA já tem dono. São os poderosos grupos capitalistas japoneses, liderados pela Japan International Cooperation Agency. Seu plano: estabelecer um sistema de grandes e modernas fazendas de produção de soja, milho e sorgo na área de cerrados do Planalto Central Brasileiro. A região englobada no projeto tem aproximadamente 600 mil quilômetros quadrados, muito mais que o território do Japão, que tem 373 mil km².

A denúncia do escândalo JICA estourou no ano passado, graças à corajosa denúncia do deputado Hélio Duque (PMDB-Paraná), de que estava em curso um plano de internacionalização do cerrado brasileiro, nas regiões do Triângulo Mineiro e Sul de Goiás ("Área A") e Alto São Francisco ("Área B"). Mas as ambições das multinacionais japonesas vêm de longe, pelo menos desde 1961.

PREDOMÍNIO ESTRANGEIRO

Em 1978, a JICA e mais 48 grandes empresas do Japão formaram um consórcio, que associou-se a outras 44 empresas brasileiras. Formalmente, o capital nacional detém 51% das ações. Mas na realidade predomina o capital japonês, pois algumas empresas "nacionais" são de fato testas-de-ferro. É o caso do

Banco América do Sul, notoriamente consorciado ao Bank of Tokio.

O estudo divulgado pelo Projeto JICA indica como meta a "criação de fazendas de grande porte a serem exploradas com mentalidade empresarial", com "apoio seguro por parte das autoridades". E causou tamanha indignação que até técnicos do IPEA, um órgão ligado ao Ministério do Planejamento, denunciaram que "o projeto JICA apresenta um pecado original — descuppar, desempregar e expulsar trabalhadores".

Porém o capital japonês tem costas quentes. Ainda no mês passado o general Geisel visitou e elogiou o projeto-piloto da JICA, com 50 mil hectares de terras próximas a Irai. E o ministro da Agricultura, Amaury Stabile, é funcionário da firma japonesa Sharp...

A fabulosa riqueza que vai a leilão



Algumas das riquezas conhecidas da região: - 18 bilhões de toneladas de minério de ferro com o mais alto teor do mundo (66%);

- 2,2 bilhões de toneladas de bauxita em Paragominas e Carajás;

- 1 bilhão de toneladas de minério de cobre com 0,5 a 1% de teor;

- 47 milhões de toneladas de minério de níquel com teor de 1,5%;

- 59 milhões de toneladas de minério de manganês com teor acima de 40%;

- 100 milhões de toneladas de cassiterita;

- Jazida de ouro já em exploração em Serra Pelada;

- 2,4 milhões de hectares de florestas com madeiras nobres;

- 7 milhões de hectares de terras boas para plantio de grãos, leguminosas e mandioca para exportação;

- 1 milhão de hectares propícios à pecuária.

A imprensa burguesa esconde mas nós mostramos de onde vem o dinheiro

Amigo leitor, não foi por acaso que escolhemos o 7 de Setembro como dia da conclusão da nossa campanha. O problema da independência é vital para a imprensa operária. Os jornais da burguesia dependem integralmente dos padrões do governo, que os alimentam com anúncios pagos a peso de ouro e com gordos subsídios tirados dos cofres públicos. A Tribuna não. Seu único compromisso é com a

classe operária, com a liberdade e os direitos do povo. Suas fontes de renda são os magros salários dos trabalhadores, que não vacilam em separar sempre um dinheirinho para a sua imprensa, e a ajuda de todos os que dão valor a um jornal como o nosso.

Por isso, desde o início da Campanha Raimundo Lana, fizemos questão de publicar nas páginas da Tribuna todas as contribuições que recebemos, pequenas ou grandes. Fizemos o que os jornais burgueses não podem e não querem fazer. Expusemos à luz do dia a origem dos nossos recursos. Dinheiro contado, suado, dinheiro de trabalhadores.

Prometemos aplicar estes recursos para tornar a Tribuna maior, melhor e semanal. E vamos cumprir a promessa. Os acontecimentos se precipitam. Em agosto, tivemos a demissão do ex-super-ministro Golbery, a rebelião popular em Salvador contra o aumento do ônibus, a Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras. Foram três sintomas da grave crise do regime antipovo e do potencial de luta dos trabalhadores. Em dias assim, os operários precisam ainda mais de uma imprensa forte. Vamos construí-la juntos!

Assine hoje mesmo a **Tribuna Operária**, receba seu jornal em casa e ajude a criar a **Tribuna semanal**, para fazer chegar a tempo a opinião operária sobre os fatos que preocupam os trabalhadores na atualidade.

Desejo receber em casa os 25 próximos números da **Tribuna Operária**. Para isto envio anexo um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., correspondente a uma

- ☐ Assinatura de apoio (Cr\$ 1.000,00)
☐ Assinatura standard (Cr\$ 500,00)
☐ Assinatura parcelada (2 x Cr\$ 250,00)

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Estado: _____
CEP: _____ Fone: _____ Data: _____

Total acumulado do número anterior	Cr\$	942.358,00
Senador Henrique Santillo, PMDB-GO	Cr\$	10.000,00
Deputada Cristina Tavares, PMDB-PE	Cr\$	5.000,00
Deputado Eneid Dib, PMDB-MG	Cr\$	5.000,00
Deputado Francisco Pinto, PMDB-BA	Cr\$	10.000,00
Deputado Genival Touninho, PDT-MG	Cr\$	10.000,00
Deputado Gilson de Barros, PMDB-MT	Cr\$	10.000,00
Deputado Heitor Furtado, PMDB-PR	Cr\$	5.000,00
Deputado Hélio Duque, PMDB-PR	Cr\$	10.000,00
Deputado João Gilberto, PMDB-RS	Cr\$	10.000,00
Deputada Junia Marise, PMDB-MG	Cr\$	5.000,00
Deputado Luis Cechinel, PT-SC	Cr\$	5.000,00
Deputado Marcelo Cordeiro, PMDB-BA	Cr\$	10.000,00
Deputado Odacir Klein, PMDB-RS	Cr\$	5.000,00
Forró e contribuições do Ceará	Cr\$	52.000,00
Coleta na UFCE, Fortaleza	Cr\$	5.040,00
Rifa de um televisor no Ceará	Cr\$	55.000,00
Vendas especiais na reunião da SBPC	Cr\$	20.000,00
Rifa de uma máquina de tricô em Vitória da Conquista, Bahia	Cr\$	16.000,00
Enfermeira de Camacari, Bahia	Cr\$	1.000,00
Funcionário do Bradesco, Salvador	Cr\$	2.000,00
Médico patriota da Bahia	Cr\$	2.000,00
Venda de um litro de whisky, Bahia	Cr\$	5.000,00
Programa de calouros em Ganambi, BA	Cr\$	6.000,00
Três "feiras livres" em Minas Gerais	Cr\$	23.765,00
Contribuições de Minas, diversas	Cr\$	4.000,00
Peixada em Belo Horizonte	Cr\$	3.850,00
Venda de um televisor doado em MG	Cr\$	10.000,00
Venda de quatro relógios doados em MG	Cr\$	16.250,00
TOTAL DESTES NÚMEROS	Cr\$	321.905,00
TOTAL GERAL EM DINHEIRO	Cr\$	1.264.263,00

ASSINATURAS	APL	DE APOIO	TOTAL
Bahia	188	84	272
Minas Gerais	43	112	155
Rio de Janeiro			34
TOTAL EM DINHEIRO			Cr\$ 328.500,00

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Venda da TO em Manaus vira comício